



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

JULIANA KAROL DE OLIVEIRA FALCÃO

**PAIXÕES CONTRARIADAS, DÍVIDAS DE INFIDELIDADE E MOEDAS DE
SANGUE: O CRIME PASSIONAL NA DÉCADA DE 1920, PERPASSADO NA
OBRA GABRIELA, CRAVO E CANELA.**

CAMPINA GRANDE - PB

2016

JULIANA KAROL DE OLIVEIRA FALCÃO

DÍVIDAS DE INFIDELIDADE, MOEDAS DE SANGUE: O CRIME PASSIONAL NA DÉCADA DE 1920, PERPASSADO NA OBRA GABRIELA, CRAVO E CANELA.

Trabalho de conclusão de Curso em forma de Monografia apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, como requisito parcial á obtenção do título de Licenciado (a) em História.

Orientador: Prof. Dr. Patrícia Cristina de Aragão Araújo.

CAMPINA GRANDE - PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F181p Falcão, Juliana Karol de Oliveira

Paixões contrariadas, dívidas de infidelidade e moedas de sangue [manuscrito] : o crime passional na década de 1920, perpassado na obra Gabriela, Cravo e Canela / Juliana Karol de Oliveira Falcão. - 2016.

84 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo, Departamento de História".

1. Análise Literária 2. Literatura Brasileira 3. Crime Passional 4. Relações de Gênero I. Título.

21. ed. CDD 801.95

JULIANA KAROL DE OLIVEIRA FALCÃO

PAIXÕES CONTRARIADAS, DÍVIDAS DE INFIDELIDADE E MOEDAS DE SANGUE: O CRIME PASSIONAL NA DÉCADA DE 1920, PERPASSADO NA OBRA GABRIELA, CRAVO E CANELA.

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de Monografia apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciaturado (a) em História.

Orientadora: Prof. Dr. Patrícia Cristina de Aragão Araújo.

Aprovada em 30,05,2016.

BANCA EXAMINADORA

Patrícia Cristina de A. Araújo

Prof. Dr. Patrícia Cristina de Aragão Araújo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Maria do Socorro Cipriano

Prof. Dr. Maria do Socorro Cipriano
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Matusalém A. Oliveira

Prof. Msc. Matusalém Alves Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Maria do Socorro Cordeiro de Oliveira (Tia Corrinha), minha professora da 4º série, que me ensinou muito mais do que o conhecimento intelectual, DEDICO.

A meus pais, Maria das Dores e Francisco de Assis, por terem me dado a dádiva de existir e me ensinado os caminhos da vida, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente as pessoas que direta ou indiretamente me fizeram sofrer ou desejaram meu fracasso, que tentaram, de certa forma, me derrubar. Estes foram de fundamental importância para a descoberta de quem eu sou e de quem eu não quero ser, eis a primeira fatia do bolo.

Agradeço a todos os meus amigos e amigas de longa data, Artur Fernandes, Ozilane Oliveira, Diego Araújo, Claudiana Nunes, Diena, Rafaela Gois, Evinho, Vitória Bhetys e Flávia Costa, por terem feito parte da minha história, sempre me depositando confiança e acreditando na minha capacidade.

Agradeço a Júlio Rodrigues, amigo que aguentou todas as minhas reclamações intermináveis e sempre tinha um bom conselho para dar.

Agradeço a Udenilson por ter renovar todos os dias as minhas forças e por está disposto sempre a me fazer sorrir.

Agradeço a Maria do Socorro Nascimento por todo o carinho que me presenteou durante a minha jornada na cidade de Campina Grande.

Agradeço aos amigos que fiz na Universidade Estadual da Paraíba, Patrícia Melquiades, Juliana Almeida, Arthur Rodrigues Lima, Thiago Macedo, Mayare Rayane, Felipe e Rafaela Borges, pelos momentos inesquecíveis compartilhados nessa jornada tão importante para as nossas vidas.

Agradeço a Dayane Sobreira, o Thiago Raposo e o Silvano Fidelis que me auxiliaram durante a graduação com dicas e contribuições acadêmicas.

Agradeço a todos os professores/amigos da Universidade Estadual da Paraíba construtores da maior parte do meu conhecimento histórico e pedagógico.

Agradeço aos meus Professores, supervisores do Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), Cícero Agra, Adjerffeson Silva e Eriberto Souto, pois sem dúvida serei uma melhor profissional graças às influências que estes senhores depositaram na minha formação profissional.

Agradeço aos meus colegas PIBIDIANOS com quem compartilhei diversos momentos de responsabilidade e alegria durante o Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

Agradeço as amigas Itamara e Thais com quem muito aprendi nesses últimos anos de convivência.

Agradeço Ana Paula Cajá e Alex pelos votos de confiança que depositaram em mim.

Agradeço à Maria das Graças Medeiros Souto, pelas várias caronas e conversas que compartilhamos.

Agradeço aos meus pais que me ensinaram o que é ser livre com responsabilidade. E principalmente por terem preenchido cada centímetro do meu ser com todo amor que possuíam. Eles me ensinando a ser forte e nunca desistir dos meus sonhos.

Agradeço a meu sobrinho Pedro Henrique que me fez recordar a doçura do que é ser criança.

Agradeço aos meus avôs maternos, Maria e José, por rezarem por mim, me amarem e serem esses “velhinhos” simpáticos que tanto amo. Assim, como também agradeço aos meus avôs paternos, Braz (in memoriam), com quem pouco convivi, mas com certeza me queria muito bem e a minha avó Nininha (in memoriam), nos amávamos muito, e gostaria que ela estivesse comigo hoje partilhando desse momento na minha vida. Amo-te, minha querida Nininha!

Agradeço a professora Auricélia que confiou em mim para fazer parte de uma equipe tão importante no âmbito educacional que é o PIBID, me direcionou, me inspirou e me transformou em uma pessoa melhor.

Agradeço a professora Patrícia por ter aceitado me orientar nesse trabalho com muito amor e carinho. Sempre disposta a me ajudar, receptiva, simpática, uma educadora ímpar.

Agradeço aos professores Matusalém Alves e Socorro Cipriano por todo o conhecimento que me passaram durante a Jornada Acadêmica. E por terem aceitado compor esta banca desse trabalho.

E, por fim, agradeço com todo meu coração a Deus por ter me permitido existir, por ter me dado força para vencer as minhas batalhas, por ter me dado sabedoria para lidar com minhas derrotas, enfim, por ter me amado incondicionalmente.

Nunca me esquecerei desse acontecimento na vida de minhas retinas tão fatigadas. Nunca me esquecerei de que no meio do caminho tinha uma pedra (Carlos Drummond de Andrade).

RESUMO

O crime passionnal é um delito que leva um homem ou uma mulher a matar o seu parceiro afetivo movido por forte emoção, por exemplo, em casos de adultérios, ciúmes ou medo da perda. O presente trabalho visa abordar sobre o crime passionnal a partir da literatura *Gabriela, cravo e canela: crônicas de uma cidade do interior*, através do diálogo entre a história e a literatura. Este estudo tem como objetivo geral analisar como através da literatura Amadiana veiculada na obra *Gabriela, cravo e canela* é discutido a história e a literatura trazendo como objeto de estudo o crime passionnal e de que modo, através dele, podemos compreender as relações de gênero na década de 1920. A pesquisa é realizada a partir de uma revisão bibliográfica e se pauta nos estudos de Roger Chartier, através das discussões sobre representação, em Michel Foucault, sobre as relações de saber e poder, a categoria de gênero com Joan Scott e a masculinidade como lugar de superioridade na sociedade ocidental através de Pierre Bourdier. A discussão sobre o crime passionnal se faz necessária para entender as configurações sociais e culturais acerca das relações entre os homens e as mulheres.

Palavras-Chave: Crime passionnal. Relações de gênero. Literatura. História.

ABSTRACT

The crime of passion is an offense carrying a man or a woman to kill your emotional partner moved by strong emotion, for example, in cases of adultery, jealousy or fear of loss. This study aims to address the crime of passion from the *Gabriela, cravo e canela: crônicas de uma cidade do interior*, through dialogue between history and literature. This study is the general objective is to analyze how through Amadiana literature conveyed in the work Gabriela, Clove and Cinnamon is discussed the history and literature bringing as the object of study crime of passion and how, through it, we can understand the relationship of genre in the 1920s the research is conducted from a bibliographic review and is guided in the studies of Roger Chartier, through discussions on representation in Michel Foucault, on the relations of knowledge and power, the gender category with Joan Scott and place of superiority masculinity in Western society through Pierre Bourdier. The discussion on the crime of passion is needed to understand the social and cultural settings of the relations between men and women.

Key Words: Passional crime; History; Literature

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. ERA UMA VEZ UMA LITERATURA QUE VIROU FONE HISTÓRICA: A LITERATURA E O LUGAR DO AUTOR COMO OBJETO DE INVESTIGAÇÃO DO HISTORIADOR	19
1.1 A ARTE DE FAZER: HISTÓRIA E LITERATURA UM DIÁLOGO POSSÍVEL	19
1.2 O MENINO GRAPÍUNA: A BREVE HISTÓRIA DE JORGE AMADA DE FARIAS.....	26
1.3 JORGE AMADO: QUANDO AS MEMÓRIAS SE MATERIALIZAM NA ESCRITA.....	31
2. MULHERES HONRADAS E HOMENS VALENTES: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO FEMININO E DO MASCULINO NO SÉCULO XX	34
2.1 MULHER, GÊNERO E HISTÓRIA: UMA DISCUSSÃO VIÁVEL	34
2.2 GABRIELA, CRAVO E CANELA: QUANDO AS QUESTÕES DE GÊNERO ESTÃO IMBRICADOS NA LITERATURA	39
2.3 ENTRE EVAS E MARIAS: O CORPO DA MULHER E O PODER PATRIARCAL NO CONTEXTO DO LIVRO GABRIELA, CRAVO E CANELA	43
2.4 “A MASCULINIDADE COM NOBREZA”: QUESTÕES DE GÊNERO E REPRESENTAÇÃO.....	49
3. A CULTURA DO CRIME PASSIONAL REPRESENTADA EM GABRIELA, CRAVO E CANELA	56
3.1 UMA BREVE HISTÓRIA DA CULTURA DO CRIME PASSIONAL NA SOCIEDADE BRASILEIRA.....	56
3.2 A MANCHA MACULADA DO MARIDO E A INFIDELIDADE FEMININA NA DÉCADA DE 1920.....	63
3.3 JORGE AMADO, GABRIELA, CRAVO E CANELA E O CRIME PASSIONAL	67
3.3.1 Fazendeiro Jesuíno Mendonça e Dona Sinhazinha Guedes Mendonça: quando a honra é lavada com sangue	67
3.3.2 Nacib Saad e Gabriela Saad: como o árabe Nacib rompeu a lei antiga	71
4. CONSIDERAÇÃO FINAL	75
REFERÊNCIAS	78

INTRODUÇÃO

Na Antiga Pérsia um Rei chamado de Shariar foi traído por sua esposa. Ao tomar conhecimento da infidelidade da rainha, ele ordenou tanto a sua morte quanto a do seu amásio. Após essa grande decepção, o rei, enfurecido, tomou a forte decisão: a partir daquele dia, todas as noites ele iria se casar com uma nova mulher, entretanto, na manhã seguinte, a sua nova esposa seria executada e assim o rei não teria que provar do cálice amargo da infidelidade. Depois de três anos, todas as noites uma nova esposa era assassinada. Sherrazade filha do primeiro ministro foi escolhida, maquinou um plano com o objetivo de por fim as decisões aterrorizantes do Rei, mas, para antes ela tinha que consumir matrimônio com Shariar o que mais tarde veio a ocorrer.

Após a cerimônia nupcial, os noivos se direcionaram até seus aposentos, após trancar as portas os recém-casados ouviram um choro. Sherazade anuncia ao rei que o choro que ecoava era de sua irmã que queria ouvir, como todas as noites anteriores, uma história antes de dormir. A rainha sem esperar a permissão do rei abre a porta e inicia a narração da história. De início o Rei se incomodou profundamente, mas em seguida passou a prestar a atenção nas sedutoras palavras proferidas pela doce voz da esposa. Duniyade, sua irmã, adormeceu embalada pela voz da rainha. E no momento mais interessante da história Sherazade silencia sua voz. O rei ordenou que ela continuasse, mas ela deixou a história por terminar. Na manhã seguinte, foi adiada a execução, porque Shariar estava ansioso para continuar apreciando as narrativas de sua esposa.

Todas as noites se procediam à mesma situação: Sherazade a contar histórias para o rei das mais alucinantes aventuras até os mais incríveis romances, mas, em cada noite, ela deixava sempre uma história sem final. E assim, Sherazade passou mil e uma noites casada com o rei. Quando acabaram as histórias da Rainha, ela já possuía muitos filhos do rei e ele comovido com a sua nova realidade resolveu perdoar as mulheres e não quis mais executar sua esposa, passando assim a viver apaixonado pela mais criativa das mulheres que ele teve o prazer de conhecer.

Sherazade, neste conto persa retirado do livro *As mil e uma noites*, se apropriou da literatura para mudar uma nova regra social imposta pelo Rei. Desse

modo, me apropriou também da literatura, não para salvar vidas, mas para criar um diálogo entre a História e a literatura com o objetivo de construir uma tessitura que reflita a infidelidade e o crime passional na sociedade de Ilhéus na década de 1920 a luz da obra *Gabriela, Cravo e Canela: crônicas de uma cidade do interior*, escrita pelo escritor brasileiro Jorge Amado, discutindo dessa maneira o objeto de análise: o crime passional, ou seja, iremos analisar como através da literatura Amadiana pode-se compreender o crime passional na década de 1920, tendo em vista que a literatura parte de um lugar autoral que é influenciado pelo contexto social do autor, assim como pelas teias discursivas históricas na qual é constituída a mentalidade do escritor.

O presente trabalho busca propiciar um diálogo entre a história e a literatura, campos de relações que inicialmente podem ser considerados como opostos, pois, por enquanto que a história é científica, lida com fatos e documentos que comprovam a veracidade dos seus enredos, a literatura não tem a preocupação de comprovar as suas narrativas, visto que, ela pode compor suas tramas com invenções, sem compromissos, ela é livre para subverter. Contudo, entre esses dois campos de saberes existem relações possíveis que podem ser dialogadas partindo do compromisso intelectual pautado em normas e técnicas de análise.

A literatura está carregada de História Cultural. No contexto da História Cultural é possível entender o fazer literário, pois este campo de produção historiográfica está alicerçado no estudo das práticas culturais da sociedade, pois tudo produzido pelos seres humanos não pode ser passível de análise sem considerarmos a sociedade que o produziu. Para tanto, se faz necessário observarmos os objetos culturais, os sujeitos, as práticas, os processos, os padrões e as representações do grupo social investigado. Ao decifrá-lo é essencial detectar a sua relação com o mundo discursivo e o não discursivo.

Falar da cultura e da produção literária é importante, pois a partir dessa vertente podemos obter as construções narrativas que o autor ou autora produz de si mesmo o do ambiente em que ele/ela vive. É uma ciência que parte da “cultura letrada” e “cultura material”. E nos incomoda ao ponto de preocupamo-nos em entender como essa cultura reflete a vida privada, a vida coletiva e como a representa. A literatura pode ser entendida como um difusor cultural que amplia e preserva os padrões culturais, ou seja, os seus valores, a sua maneira de se comportar e de viver.

O objetivo geral é analisar como através da literatura Amadiana veiculada na obra *Gabriela, cravo e canela: crônicas de uma cidade do interior* são discutidas a história e a literatura trazendo como objeto de estudo o crime passionai e de que modo, através dele, podemos compreender as relações de gênero na década de 1920. E os objetivos específicos são: averiguar como Jorge Amado aborda o crime passionai na obra *Gabriela Cravo e Canela*; discutir na obra de Jorge Amado as questões de gênero e os lugares do feminino; e problematizar as questões culturais do crime passionai perpassado na obra literária.

Em *Gabriela*, Jorge Amado conta a história de uma pequena cidade do interior da Bahia que acaba por se tornar o cenário de uma importante trama que terá entre os seus mais diversos conflitos o caso do crime passionai cometido pelo coronel Jesuíno Mendonça ao flagrar a sua esposa Sinhazinha Guedes vestida apenas de meias pretas na cama com o dentista dela o Dr. Osmundo Pimentel com quem ela tinha um tórrido caso de amor.

Nessa relação podemos perceber que a figura feminina é completamente submissa ao marido na relação matrimonial e o marido é o dominador, é quem dita às regras do seu casamento. O crime passionai no contexto da obra reflete uma sociedade onde a conduta da mulher, principalmente quando casada, deve ser impecável. A relação entre os gêneros é desigual, os homens são favorecidos e as mulheres devem apenas seguir a conduta social imposta a elas.

Portanto, a principal questão que cerca a construção textual desse trabalho é de que modo na obra do Jorge Amado o crime passionai é representado no contexto das relações de gêneros. Portanto, a inquietação que circunda a construção dessa produção é: quais são os reflexos da história e da cultura no campo da literatura? A pesquisa está pautada em uma pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo, onde foi verificada a partir da leitura de pesquisadores que trabalham com essa temática a fim de apontar os conceitos e as principais ideias que se articulem nesse projeto, portanto, os artigos, livros, teses e dissertações foram fundamentais na construção desta monografia.

Nessa perspectiva, buscamos criar um diálogo entre estudiosos como Roger Chartier e o filósofo Michael Foucault que trazem reflexões acerca da literatura como objetos configurados pelas teias de relações de saber e poder e que são compostos de ferramentas necessárias para entender as conjunturas de determinadas temporalidades. Ao discorrer sobre a questão de gênero se faz necessário

principalmente o diálogo com Pierre Bourdier e Joan Scoot que propiciaram a construção das características do feminino, masculino, a categoria de gênero, a inferioridade feminina e a superioridade masculina de uma sociedade patriarcal e ocidental. Podemos identificar na obra *Amadiana, Gabriela, cravo e canela*, as características dos femininos e masculinos citados por esses autores que trazem uma rica contribuição sobre o modo de ser homem e ser mulher.

Foi a partir dos questionamentos referentes à relação entre a história e a literatura, as relações de gênero e o crime passional que surgiu a pesquisa sobre esta monografia. Buscamos identificar na obra *Gabriela* reflexos das relações entre o homem e a mulher. Questionar se um livro brasileiro consegue espelhar comportamentos mediados pelas relações de saber e poder que estão imbricados na cultura brasileira. Entender como, no contexto da literatura, o crime passional é representado durante a década de 1920. Por fim, evidenciar como a sociedade entende e lida com o crime passional dentro do contexto da literatura e da relação de gênero. Este trabalho se apresenta como uma importante contribuição para a academia na área da cultura, identidade, gênero e poder.

Escolhemos trabalhar a literatura, porque as suas articulações estão alicerçadas em uma conjuntura narrativa de algo que poderia ter vindo acontecer e a história é uma narrativa que possui contrato com a ciência e com os fatos do passado, ou seja, “a história se identifica com o real e, por extensão, com a verdade do acontecido” (PASSAVENTO, p.33, 2000), os historiadores colocam em questão o diálogo entre esses dois campos, a história e a literatura, a fim de produzir interdisciplinaridade e destruir fronteiras. Dessa forma percebemos que com ao construir a relação entre a história e a literatura podemos colocar de lado as verdades científicas totalizantes e destruir as dicotomias que existem como “falso e verdadeiro”, “real e imaginário” e “certo e errado”.

Os historiadores dão evidencia ao campo do imaginário, ao campo do simbólico e ao campo da representação. E independentemente dessa relação entre os dois campos de saber a história pode ser acusa de investigar, selecionar seu objeto e o direcionar de sua escrita, mas não pode ser acusado de realizar uma ficção, porque apesar da interação entre esses campos eles não se confundem. Segundo Pasavento (2000) se quisermos acusar a história de produzir narrativas ficcionais, devemos dizer que é uma ficção controlada pelas fontes e pelos

documentos históricos e pelos indícios do passado sendo assim o historiador constrói uma ideia de realidade.

O ato voraz do crime passionai é um delito que está mais atual do que nunca. O que mais podemos notar é que as crônicas policiais frequentemente os abordam nas mais variadas situações, por exemplo, tem como protagonistas pessoas de várias faixas etárias e de diferentes camadas sociais, com isso, são evidentes que perpassa a obra Gabriela, tornando possível descobrir a questão do crime passionai que trás marca do tempo vivido e representado.

O crime passionai é um tema pertinente para a academia por ser estruturada pela cultura da sociedade e pelos seus valores históricos e sociais, por comportar no ato do delinquente uma bagagem de conceitos e construções impostas pela sociedade que vêm se formando ao longo do tempo em torno do que é ser homem, o que é ser mulher, os direitos, os deveres que ambos têm e devem seguir em meio a comunidade em que vivem.

Jorge Amado se destacou no que se refere às construções dos seus personagens, pois ele conseguiu trazer uma diversidade de personalidades que correspondem às mulheres “reais”, essas seriam o reflexo do feminino da sociedade ocidental. Sinhazinha é o retrato das mulheres que viveram no início do século XX: Beata, boa esposa, pura, discreta, generosa e assexuada. Seu caminho era da casa para a igreja, da igreja para casa, nascida e criada para obedecer à autoridade masculina, primeiramente de seu pai e em seguida de seu esposo, situação que representa uma sociedade em que apenas a figura masculina era digna de respeito e obediência. A esposa devia total fidelidade e submissão, porque as mulheres não eram educadas para as transgressões, mas sim eram educadas para a docilidade quer seja da elite ou das camadas populares. Entretanto, Sinhazinha era também uma mulher reprimida, não valorizada. Desse modo a literatura permite compreender dentro de um dado contexto histórico, representado na fonte literária, a figura da mulher e o crime passionai.

Esta relação entre a história e a literatura só se torna possível nesse trabalho devido a História Cultural. A maior parte da produção acadêmica da atualidade está centrada na História Cultural. Contudo não podemos deixar de salientar que as mudanças ocorridas na História correspondem há anos:

As alterações ocorridas no âmbito da História, porém, datavam de bem antes, se levarmos em conta o panorama internacional. Podemos, talvez, situar os sintomas da mudança nos anos 1970 ou mesmo um pouco antes, com a crise de maio de 1968, com a guerra do Vietnã, a ascensão do feminismo, o surgimento da *New Left*, em termos de cultura, ou mesmo a derrocados sonhos de paz do mundo pós-guerra. Foi quando então se insinuou a hoje tão comentada crise dos paradigmas explicativos da realidade, ocasionando rupturas epistemológicas profundas que puseram em xeque os marcos conceituais dominantes na História. (PESAVENTO, 2009).

Desse modo, houve uma expansão do que poderia ser considerada história, abrindo espaço para a utilização de novas fontes e novas abordagens. Assim, a História foi perdendo a força da produção de uma história globalizante, ou de aspirar à totalidade e a verdade absoluta. Propiciando também a relação da história com outros campos de saberes como a sensibilidade, a antropologia, a psicologia, entre outros.

Dentro desse contexto sublinhamos a questão crime passionai escolhido devido as suas inúmeras possibilidades de procedimentos científicos. O crime passionai sempre foi um assunto que me seduziu, porque pra mim era (e ainda é) difícil compreender o que leva um indivíduo a cometer tal ato voraz. Que amor seria esse que leva a matar? Seria um amor ao avesso que ao invés de querer o bem desejava a aniquilação do seu amado? De fato, isto sempre me incomodou e me levou a escolher este tema em questão para ser trabalhado e interrogado para que possamos entender um pouco dessa cultura que provoca a ânsia, no homem e na mulher, de matar em nome do amor (mais os homens que as mulheres?). Diversas histórias de crime passionai inspiraram a produção de filmes, livros e músicas que narram às loucuras de amor realizadas pelos homens e pelas mulheres. Assassinos que viraram objetos de estudo de diversos, psicólogos, psiquiatras, e psicanalistas. Nessa vertente, também se tornou meu objeto de estudo o crime passionai.

Este tema se torna importante para contribuição acadêmica, pois apesar de tratar o Crime passionai durante a década de 1920 se torna bastante atual, porque este delito ainda permanece acometendo as questões sociais até hoje. Frequentemente é noticiado, em revistas, jornais e na televisão diversos casos de crimes cometidos por parceiros afetivos o que denota uma continuidade na mentalidade da sociedade brasileira. O que permite questionar se os crimes passionais ainda são na atualidade cometidos pelos mesmos motivos: ciúmes, infidelidades, possessão, entre outros.

Serão expostas, neste trabalho, as ideias principais que responderam os objetivos citados anteriormente. Para isso o trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, “Era uma vez uma literatura que virou fonte histórica: a literatura e o lugar do autor como objeto de investigação do historiador” estão expostos à análise acerca das relações possíveis entre a literatura e a história. Sabemos que a história e a literatura sempre mantiveram fortes relações, já afirmava Barros (2010, p. 2) “a História ainda que postule ser uma ciência, é ainda assim um gênero Literário; a Literatura, ainda que postule uma Arte, está diretamente mergulhada na História”. E ainda fazemos uma investigação sobre o lugar social do autor do livro *Gabriela, cravo e canela: crônicas de uma cidade do interior* para identificar as influências, sociais, intelectuais e culturais sofridas por ele durante a sua vida. No segundo capítulo, “Mulheres honradas e homens valentes: a construção discursiva do feminino e do masculino no século XX” apresentamos *Gabriela, Cravo e Canela* e fazemos a relação entre a obra e as questões de gênero que envolvem a trama narrativa em questão. Diversos personagens do enredo refletem características culturais que configuram o masculino e o feminino da sociedade da década de 1920, tanto aos que se refere aos indivíduos docilizados quanto aos transgressores. No último capítulo, “A cultura do crime passional representada em *Gabriela, Cravo e Canela*”, é vislumbrada a cultura do crime passional na literatura de Jorge Amado, fazemos um aparato da história do crime passional e sua representação no livro *Gabriela*.

1. ERA UMA VEZ UMA LITERATURA QUE VIROU FONTE HISTÓRICA: A LITERATURA E O LUGAR DO AUTOR COMO OBJETO DE INVESTIGAÇÃO DO HISTORIADOR

Neste capítulo será trabalhada a relação entre a história e a literatura, mostrando que é possível um diálogo entre esses dois campos de saberes. É cada vez maior o número de historiadores que escolhem a literatura como objeto de investigação histórica. Nessa tessitura poderemos perceber que a literatura tem muito a oferecer ao historiador (que trabalha com história cultural), porque ela reflete as práticas, os produtos e as representações da sociedade. Iremos também fazer uma breve análise do lugar social do escritor Jorge Amado que é o autor da obra verificada neste trabalho, *Gabriela, Cravo e Canela*. A sua jornada de vida e os elementos que influenciaram a sua escrita serão apontamentos fundamentais para entender um pouco mais da obra literária em foco.

1.1. A arte de fazer: história e literatura um diálogo possível

Percebem-se também as relações da biografia com outras áreas do conhecimento. O laço mais antigo é com a Literatura. Esta trabalha com a multiplicidade de pessoas que cada um é, interessa-se por qualquer homem (o chamado homem comum) e não apenas pelo "grande personagem", trabalha de várias formas o papel do imaginado ou do vivido. Assim, a distância entre História e ficção literária é por vezes sutil. (Pacheco Borges)

Essas coisas de não limites entre a vida e a morte são muito mais frequentes no nosso cotidiano. Volta e meia lemos coisas que confirmam que a vida continua insistindo em imitar a arte, como a se vangloriar da frase que diz que a arte imita a vida (Affonso Romano de Sant'Anna).

Não é a literatura frágil cristal inconsistente ou pundonorosa donzela aflita que não possa misturar-se aos interesses imediatos do homem, aos seus conflitos, ao seu tempo, às suas lutas e anseios. Dessa mistura com a vida, com os problemas imediatos, não sai a literatura diminuída e manchada. Mistura-se o cristal com o aço, desabrocha a tímida donzela em mulher fecunda e bela, ganha a literatura uma dimensão maior (Jorge Amado).

A História e a Literatura mantêm uma relação bastante próxima. A literatura trabalha com as pessoas, os seus interesses, os seus sentimentos e é, de fato, baseado em experiências de vida. Ela se interessa não apenas pela história dos personagens que aos olhos da sociedade obtiveram grandes feitos, mas, também

pela história das pessoas comuns, o cotidiano. O cotidiano tem muito a nós dizer. Já dizia Jorge Amado na epígrafe acima que a literatura não é uma donzela em perigo, ela é forte ao atender os interesses da sociedade, nas suas linhas são refletidas os acontecimentos da vida: conflitos, lutas, anseios, por isso podemos afirmar que a literatura imita a vida. No entanto, nem sempre foi possível utilizar os livros literários como fonte de pesquisa histórica. Durante o século XIX, a História se estabelece como disciplina acadêmica e são instituídos para ela critérios metodológicos que eram utilizados a fim de legitimar o seu status como ciência.

A partir de então foram estabelecidas a “crítica interna e externa das fontes escritas, arqueológicas e artísticas, priorizando investigações sobre a importância da autenticidade documental” (JANOTTI, 2008, p. 11), portanto, nessa temporalidade histórica a mentalidade do historiador definia que a história era formulada através da comparação dos documentos que deveria explicar de maneira racional as causas e as consequências dos fatos.

Mais tarde, devido a demasiada luta capitalista a favor da acumulação de bens e as revoluções liberais foi percebida por alguns intelectuais a exploração da classe operária. Destaca-se então o sociólogo Karl Marx que com a doutrina do materialismo dialético expõe em seus livros, como *O Capital*, a defesa de uma sociedade que é baseada na estrutura econômica. Sobre a influência de Marx posteriormente temos uma historiografia social e econômica. Os objetos dos historiadores passam a serem selecionados levando em consideração seu caráter econômico.

A historiografia francesa, no final do século XIX, já influenciava a historiografia do Brasil através da Escola Metódica, escrevendo, dessa forma, uma história política. Durante a influência da Filosofia da História e do positivismo da Escola Metódica foram produzidos diversos trabalhos que discorriam sobre a nação e sobre os considerados grandes homens da história, dando espaço às biografias dos chamados “grandes heróis” da política e do militarismo. Para construir sua produção historiografia existia uma grande seleção de fontes que era realizada com bastante cuidado. Eram utilizadas, nessa vertente epistemológica, apenas as fontes oficiais do estado, pois eram as únicas dignas de produção da “verdade”.

A Revue Historique, dirigida por Gabriel Monod e G. Fragniez, fundada em 1876 e publicada até hoje, reunia os historiadores mais representativos dessa tendência, entre eles Charles Seignobos, que, em 1898, publica

Introdução aos Estudos Históricos, com Charles V. Langlois. Esse livro expressa o pensamento metódico ao explorar em detalhes os procedimentos para a coleta de fontes, operações analíticas, crítica interna e externa de documentos, defendendo a compreensão do particular e do circunscrito para se chegar a conhecer o específico da história (JANOTTI, 2008, p. 12).

Posteriormente, indo de encontro com a corrente da Escola Metódica alguns historiadores construíram um diálogo mais profundo com outras disciplinas, esta nova vertente foi chamada de Síntese Histórica e objetivava construir uma História da Totalidade. Com o decorrer do tempo e com os acontecimentos históricos, como a Guerra Mundial, os historiadores depositaram as suas atenções para as transformações e os conflitos sociais.

Os historiadores franceses ligados à revista *Annales d'histoire économique et sociale* levantam questionamentos que defendiam, através das figuras de seus fundadores Lucien Febvre e Marc Bloch, que a Ciência Humana era peculiar em seu próprio campo e não podia ser regida por leis. Negando a historiografia política nacional, esse grupo de historiadores, acreditavam que as fontes eram investigadas, selecionadas e analisadas de acordo com as hipóteses determinadas pelos historiadores.

[...] Febvre e Bloch tornaram-se os editores. Originalmente chamada *Annales d'histoire économique et sociale*, tendo por modelo os *Annales* de Géographie de Vidal de la Blache, a revista foi planejada, desde o seu início, para ser algo mais do que uma outra revista histórica. Pretendia exercer uma liderança intelectual nos campos da história social e econômica. Seria o porta-voz, melhor dizendo, o alto-falante de difusão dos apelos dos editores em favor de uma abordagem nova e interdisciplinar da história (BURKE, 1991, p. 23).

Da postura historiográfica da Escola dos Annales surgiram muitos trabalhos importantes para a academia. Devido a esta vertente que temos estudos sobre o inconsciente, a subjetividade, as mentalidades, festas, doenças, crianças, mulheres, entre outros.

[...] colocou-se a necessidade prática da abertura teórica para outras fontes conceituais e interpretativas [que eram] ignoradas ou estigmatizadas [...] Sobretudo em se tratando dos processos subjetivos, individuais, emocionais e mais difíceis de serem captados objetivamente, que demandam sem dúvida alguma o reconhecimento dos próprios limites e a uma aproximação com outros saberes, a exemplo dos produzidos pela Psicologia (RAGO, 2001, p. 89).

Formou-se uma grande teia interdisciplinar e uma gama de possibilidades de diálogos e contribuições para os intelectuais. Com a expansão das fontes históricas qualquer objeto poderia também tomar o lugar de um objeto histórico, ou seja, qualquer tema poderia vir a ser uma fonte documental digna de pesquisa. Foi devido a todas essas transformações na maneira de fazer história que hoje é possível trabalhar a literatura como fonte histórica. A vida imita a arte e a arte imita a vida. A literatura de maneira em geral reflete essa afirmação.

E, além disso, alguns historiadores optam por escrever de uma maneira mais leve, com uma escrita poética, não podemos negar que é exigido ao historiador que ele seja um bom escritor, pois:

“postularemos que não é possível ser um bom historiador sem ser um bom literato. Isto é, não é possível escrever boa História sem produzir uma boa Literatura, e neste ponto estaremos nos referindo mais especificamente a aspectos estilísticos” (BARROS, 2010, p.14).

Mas, existem os historiadores que com sua escrita objetiva olham com desconfiança aqueles que por ventura utilizam-se de uma maneira mais criativa para construir suas tessituras históricas, sendo acusados de não realizar a pesquisa cientificamente. Contudo, o que seria do historiador se ele não pudesse escrever livremente, com criatividade e dá ao texto a leveza poética? E quem deverá afirmar que na poesia não há história? Então, a escritura da história deve ser criativa, pois quando agimos sempre da mesma forma obtemos os mesmos resultados, mas quando nos utilizamos de novas “maneiras de fazer” produzimos novas leituras do mundo. A literatura, tanto como fonte quanto como estilo de escrita, enriquece o ofício do historiador.

A literatura está repleta de romances com os mais variados finais, ora inusitados, ora previsíveis, entretanto, a obra literária pode alcançar um vasto número de sujeitos, mesmo que não seja a partir do livro, pode ser através de suas adaptações para o cinema e/ou para o teatro. O mais importante quando se defende o uso da literatura como instrumento do historiador é analisá-la em todas as suas nuances, pois, deve ser percebido, na conjuntura das teias discursivas que circulam em torno da narrativa, o lugar social do autor, isto é, a quem são direcionadas as suas produções literárias e quais as intencionalidades provocadas na sua escrita, deve-se, pois questionar a fonte literária enquanto um monumento, isto é, possuidor

das articulações discursivas das foças de poder de quem o construiu (LE GOFF, 1990). Segundo Chartier (1999),

Trata-se, portanto, de identificar histórico e morfologicamente as diferentes modalidades da inscrição e da transmissão dos discursos e, assim, de reconhecer a pluralidade das operações e dos autores implicados tanto na produção e publicação de qualquer texto, como nos efeitos produzidos pelas formas materiais dos discursos sobre a construção de seu sentido (CHARTIER, 1999, 197).

Foucault (2009) ao discutir, em uma de suas famosas conferências, sobre “o que é um autor?” deferência o autor de um produtor textual. O primeiro é definido como o indivíduo social, isto é, pessoa sujeita pelas suas origens sociais, suas condições econômicas, seus títulos, sua biografia, entre outros apontamentos. Na segunda o define como “função autor”, ou seja, forma pelo qual o autor é configurado explicitamente, a função autor antecede o texto, pois o nome do autor trás em si conceitos idealizados de sua escrita que produzem novas escritas.

A função autor excede a obra porque o campo e a sequência de efeitos produzidos ultrapassam de muito a própria obra. Foucault situa então os “fundadores de discursividade”, que produziram bem mais do que uma só obra: criaram a possibilidade e a regra de formação de outros textos. Marx e Freud são os exemplos, porque “tornaram possível uma possibilidade infinita de discursos”. Foucault os situa de forma próxima à dos fundadores de cientificidade, porque instauram uma discursividade heterogênea as suas transformações ulteriores. Sua posição, no entanto, é diversa daqueles porque impõem um “retorno a”, que vai sempre modificando a discursividade que fundaram. ‘o retorno a Freud modifica a própria psicanálise, e a Marx, o marxismo (MOTTA apud FOUCAULT, 2009, p, XX).

Portanto, a função autor determina uma distância considerável entre o escritor do texto e o sujeito no qual os discursos do escrito está atribuído. Para Chartier (1999), foi Foucault quem mais refletiu sobre a questão “autor” e a sua emergência na História ao perceber que certos gêneros para serem publicados deveriam ter a identificação de um autor, enquanto outros não como é o caso de um cartaz de publicidade na atualidade. A identificação de uma obra se fez necessária em diversas situações da história, ora para proteger o autor, ora para puni-lo, pois o ato da escrita está preso em teias culturais que podem reprimir o autor do texto ou incentiva-lo dependendo da situação em que o mesmo está inserido.

A identidade do autor esteve ligada a interdição dos textos definidos enquanto subversivos de acordo com as autoridades religiosas e políticas como é o caso da

Inquisição e do NAZISMO. Em ambos os casos, livros foram queimados (em enormes fogueiras) e autores foram perseguidos por causa das ideologias, das palavras escolhidas ou situações descritas em suas obras. A fogueira se situa nesse contexto como a figura invertida da biblioteca. Enquanto a primeira preza a destruição, a aniquilação, dos textos transgressores, a segunda protege e zela pelo patrimônio textual.

De todo modo é de extrema importância salientar as diferenças que a História e a literatura possuem. Enquanto “A literatura [...] fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos” (SEVCENKO, 1999, p. 21), ou seja, discorre sobre algo que não pode ser comprovado por fatos, a História é uma ciência que tem sua historiografia pautada na verificação dos fatos comprovados pelas fontes.

Contudo, é importante destacar que a obra literária, apesar de se tratar de uma “invenção”, não é livre de historicidade. O historiador por excelência deve ser uma pessoa desconfiada e questionadora, sendo científico durante a análise documental, tentando minimamente descrever os fatos que realmente aconteceram, percebendo que é possível voltar-se para a literatura e criar um diálogo com a história. Ambas desde o seu surgimento interessam-se pelos seres humanos, pelas suas condições de existência, pelo seu conhecimento e pela sua cultura (CAMILOTTI; NAXARA, 2009), a literatura acaba por refletir a sociedade, servindo de testemunho sobre suas práticas sociais. Entretanto, é um trabalho minucioso que parte do lugar social do autor, voltar-se, pois “sobre quem fala de onde fala e que linguagem usa” (BORGES, 2010, p. 95). Contudo, segundo Borges (CHARTIER apud BORGES, 2010 p. 96).

Para Chartier (1990, p. 62-3), todo documento, seja ele literário ou de qualquer outro tipo, é representação do real que se apreende e não se pode desligar de sua realidade de texto construído pautado em regras próprias de produção inerentes a cada gênero de escrita, de testemunho que cria “um real” na própria “historicidade de sua produção e na intencionalidade da sua escrita” (BORGES, 2010, p. 96).

Isto posto, porque todo documento representa o real, reflete um cotidiano, uma conduta, normas, está vinculada as características sociais, culturais, políticas e econômicas daquele que o produziu, da sociedade em que viveu, dos livros que leu

e não pôde ler, por isso, se desvincular da realidade na qual foi construído (CHARTIER, 1990). Para tanto, é necessário compreender que, segundo (CAMILOTTI; NAXARA, 2009),

Uma primeira consideração, quando se trata de refletir sobre o segundo modo como às pesquisas vêm sendo conduzidas – o texto literário como substrato para o escrutínio de percepções, representações, figurações, por meio das quais se buscam os movimentos de instituição de imaginários e da própria temporalidade enquanto tal –, diz respeito à própria noção de fonte e documento e, em especial, do seu alargamento promovido ao longo do século XX e acentuado nas suas últimas décadas. Alargamento que coincidiu com a profissionalização crescente do campo e, entre nós (mas não somente), com o aumento das reflexões a propósito do *métier* do historiador e da história como *lócus* de conhecimento e de compreensão do humano (CAMILOTTI; NAXARA, 2009, p.40)

A narrativa literária constitui o lugar de um documento adormecido, porque apesar de obter elementos sociais e culturais o historiador tem receio de utilizá-la, pois a utilização das fontes literárias como objeto do historiador é criticada por alguns pares tendo em vista que elas são objetos que partem do imaginário e nem sempre narram algo verídico, mas sim tessituras produzidas na imaginação de seu criador. Por conseguinte, o historiador para trabalhar com a literatura deve analisar e identificar os indícios na produção textual para poder construir um sentido em relação ao passado e ao contexto social. A literatura pode ser entendida como um objeto que reflete a sociedade e a história. Representando, desse modo, toda uma conjuntura social que envolve desde sentimentos e sonhos até práticas e hábitos sociais. A Literatura é uma maneira de interpretar o mundo e de reconstruir um passado. Ela guarda em suas linhas marcas de um grupo e das questões importantes que são registradas pelo tempo.

Deste modo, o estudo histórico que parte da literatura de ficção como fonte primeira busca compreender o sujeito histórico, na sua individualidade, a partir das marcas deixadas pela sua consciência e, assim, o seu mundo, a sua realidade social: o modo como ele identifica o seu tempo e nele se expressa. Para tanto, a tradicional pergunta *como os indivíduos existem na sociedade* se mostra incompleta, se não insuficiente, enquanto outra se coloca: *como a sociedade existe nos indivíduos* (SILVA, 2009, P.7).

Logo, a literatura por refletir a sociedade, hábitos, ambientes e demais características também refletem questões temáticas que giram em torno do crime passionai. Diversas obras literárias trazem em suas tramas românticas enredos onde se formam triângulos amorosos, que abordam questões como amores roubados,

infidelidades, ciúmes, agressões e assassinato, resultando em finais não tão felizes. *Grabriela, cravo e canela: crônicas de uma cidade do interior* é um exemplo que está caracterizado em torno da questão do amor, adultério e crime. Nele mais de um exemplo de crime passional é apontado, fazendo-nos a refletir sobre como esse delito era comum e visível em uma sociedade nordestina do século XX, tão comum ao ponto de perpassar a vida real e ganhar voz em enredos literários.

1.2. O menino grapiúna: a breve história de Jorge Amado de Faria

[Sou] apenas um contador de histórias do povo baiano, minhas universidades foram as cidades e os campos de nosso vasto território físico e humano – a cidade da Bahia em sua mágica realidade; as roças de cacau, a grandeza grapiúna nascida no sangue; o sertão, a seca, o latifúndio, a fome, a injustiça, as armas pobres dos cangaceiros e beatos. O que sei aprendi na convivência com o povo nas ladeiras e becos da cidade bem-amada, nos caminhos do cacau e da caatinga, numa intimidade que se fortaleceu e ampliou no passar do tempo permitindo que eu me sinta carne e sangue, voz e contingência, intérprete e arauto de suas lutas e esperança (Jorge Amado).

Nunca desejei senão ser um escritor de meu tempo e de meu país. Não pretendi e não tentei nunca fugir ao drama que nos coube viver, de um mundo agonizante e um mundo nascente. Não pretendi e não tentei nunca ser universal senão sendo brasileiro e cada vez mais brasileiro. Poderia mesmo dizer, cada vez mais baiano, cada vez mais um escritor baiano. E se meus livros foram felizes pelo mundo afora, se encontraram acolhimento e estima dos escritores e leitores estrangeiros, devo essa estima e esse público à condição brasileira daquilo que escrevi, à fidelidade mantida para com meu povo, com quem aprendi tudo quanto sei e de quem desejei ser intérprete (Jorge Amado)

Com o nascimento de Jorge Amado nasceu também um contador de história orgulhoso de suas origens em todos os seus aspectos. Amado buscou refletir o espaço social onde viveu em sua escrita. Ele era apaixonado por tudo que via, as cores, os odores e os sabores. Podemos até afirmar que de uma maneira poética ele também era apaixonado pela falta das cores, pelos maus odores e os dissabores da vida. Ele podia ver o encantamento de tudo que é considerado bonito e feio, porque até o mais feio dos sofrimentos quando narrado por um verdadeiro poeta vira beleza, se torna belo, porque encanta e seduz o leitor e/ou ouvinte.

A sabedoria de Jorge Amado não vem de renomadas universidades ou de espetaculares professores, mas vem de um ensinamento mais rico que apenas um bom observador pode ser capaz de aprender: o ensinamento da vida. Foi à

intimidade com a vida e a sabedoria de lidar com o espaço ao seu redor que o ofereceu material necessário para interpretar um pedaço do Brasil de forma tão leve e fluida que encantou não apenas a Bahia, mas o Brasil e em seguida boa parte do mundo. Ele traduziu as rachaduras das terras secas do sertão da Bahia transformando algo simples, sem valor, em algo espetacular, assim meio que ao acaso.

Em 10 de agosto de 1912, em um distrito pobre do Estado da Bahia, onde o chão rachava com a seca e a falta de chuvas, onde as crianças brincavam descalças no meio do terreno, onde os homens arrotavam autoridade sobre a família e as mulheres virtuosas rezavam e iam religiosamente as missas, nasceu o menino grapiúna chamado de Jorge Amado de Faria. Em seu primeiro contato com o mundo ouvia-se por toda a casa da fazenda Aucidía, em Ferradas, distrito de Itabuna, o som do choro daquela criança sem glória, sem vestes, apenas aparentemente uma criança qualquer, mas que mais tarde viria ser considerado por muitos especialistas como um dos mais importantes ícones da literatura brasileira. O pequeno e ainda frágil Jorge Amado, filho de João Amado e Eulália Leal não permaneceu muito tempo na fazenda em que nascera, pois sua família fugiu de uma epidemia de varíola que atacava aquela região. Jorge Amado era o filho primogênito. Ele possuía mais três irmãos: Jofre (1915) que faleceu com apenas três anos de idade, Joelson (1920) e James (1922).

Em 1913, Jorge Amado e sua família foram morar em Ilhéus e lá passaram a sua infância. Em 1917, a família muda-se para a Fazenda Taranga, em Itajuípe. Em 1918, ao retornar a Ilhéus, apesar de ter iniciado os seus estudos de alfabetização com a sua mãe, Jorge passa a estudar na escola de D. Guilhermina, uma professora que utilizava métodos de punições pautados em castigos e fazia uso da utilização de palmatória. Guilhermina é também o nome dado a uma das personagens de seu livro, *Gabriela, Cravo e Canela*, que era uma professora legendária por causa de sua severidade. Em 1922, vai para Salvador onde faz os seus estudos secundários no Colégio de Antônio Vieira e no Ginásio Ipiranga. Em sua sapiência logo se destaca por meio de sua escrita e recebe elogios, principalmente, após a produção de sua redação nomeada de “O Mar” que chama a atenção do Padre Luíz Gonzaga Cabral. O Padre logo faz questão de criar pontes entre o aluno e escritores internacionais a fim de amadurecer o seu estilo textual e expandir o seu conhecimento.

No Colégio conhece Adonias Filho e ambos iniciam trabalhando no jornal “A Pátria”, depois fundam A Folha”. Em 1927, Amado vai morar em um casarão no Pelourinho e começa sua profissão como repórter policial no “Diário da Bahia”. Em seguida, inicia no jornal “O Imparcial”. Em 1932, junto a Raul Bopp muda-se para Ipanema, onde conhece pares, como José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz e Gilberto Freyre. Em dezembro de 1933, em Sergipe, casa-se com Matilde Garcia Rosa. Em 1935, têm sua primeira filha Eulália Dalila Amado e, no mesmo ano, ele se forma na Faculdade Nacional de Direito.

Em 1936, é preso pela primeira vez por motivos políticos, visto que, foi acusado de participar, em 1936, de um levante ocorrido em natal chamado de “Intentona Comunista”. Em 1938, vai para o Rio de Janeiro. Entre 1941 e 1942, exilou-se na Argentina e, depois, no Uruguai, por causa de seu envolvimento com a militância comunista. Volta para o Brasil, em 1944, e se separa da sua esposa Matilde. Em 1945, foi eleito membro da Assembleia Nacional constituinte (através do Partido Comunista Brasileiro – PCB). Foi deputado federal em São Paulo. Autor da lei de liberdade ao culto religioso. Nesse mesmo ano casasse com Zélia Gattai, ao conhecê-la logo se encantou por ela,

[...] quando, durante o primeiro congresso de Escritores Brasileiros, reunido em São Paulo nos inícios de 1945, me apaixonei por Zélia, comuniquei ao poeta Paulo Mendes de Almeida, meu amigo e amigo dela, apontando-a entre as muitas senhoras e mocas que acorriam as sessões, umas poucas para acompanhar os debates, a maioria para namorar: — Aquela ali vai ser minha mulher (AMADO, 2012, p.20).

Em 1947, nasce João Jorge fruto do seu segundo casamento, nesse mesmo ano, o PCB foi declarado ilegal e assim Jorge foi obrigado a se exilar na França até 1950. Em 1949, morre a sua primeira filha proveniente de seu primeiro casamento. Entre 1950 e 1952, esteve residente com a sua família em Praga, onde nasceu a sua filha Paloma. Em 1955, novamente em solo brasileiro, foi à época em Amado se distanciou da militância política e passou a dispensar total atenção à literatura. Em 1961, foi eleito para ocupar a cadeira de número 23, da Academia Brasileira de Letras, a cadeira que anteriormente havia sido ocupada por José de Alencar e, antes dele, como primeiro ocupante estava o ilustre escritor Machado de Assis.

Nasce em Salvador, no ano de 1971, seu primeiro neto chamado de Bruno, primogênito de seu filho João Jorge e de sua esposa Maria da Luz Celestino. No ano

seguinte, uma triste notícia abala a vida de Jorge Amado, a morte de sua mãe aos 88 anos de idade. Entretanto, no mesmo ano, nasce a sua neta Mariana, filha de Paloma e Pedro Costa. Em 1973, nasce mais uma neta chamada Maria João e sete anos depois nasce João Jorge filho, ambos irmãos e também filhos de João Jorge e sua esposa. Em 1983, nasce Jorge Amado Neto, filho de Jorge com a sua segunda mulher Rízia Vaz Coutrim. Em 1985, toma posse na cadeira 21 da Academia de Letras da Bahia. E recebe vários reconhecimentos, entre eles, o título de Grão-Mestre da Ordem do Rio Branco, Homenageado pelo centro Georges Pompidou (Paris). Em 1986, morre sua primeira esposa Matilde.

Em 7 de março de 1987, é inaugurada a Fundação Casa de Jorge Amado (FCJA) que é entendida como um “lugar de memória” expressão concebida por Pierre Nora enquanto espaço institucional de preservação de saberes e da história do Escritor, lugares de cristalização, de refugio de uma história particular, de uma memória de/sobre Jorge Amado. O FCJA é localizado o Largo do Pelourinho, no Centro Histórico de Salvador.

Em 1996, alguns anos depois da perda da visão central, Jorge Amado sofre um edema pulmonar em Paris. Em 1998, recebe o título de *honoris causa* da Sorbonne Nouvelle e da Universidade Moderna de Lisboa. É internado no dia 21 de junho de 2001, com uma crise de hiperglicemia e tem uma fibrilação cardíaca, porém, depois de alguns dias ele recebe alta. Com o passar do tempo, Jorge volta a passar mal no dia 6 de agosto de 2001, ele não resiste e vem a óbito na cidade de Salvador. Jorge Amado teve seu corpo cremado e suas cinzas foram jogadas em uma mangueira localizada na sua residência no Rio Vermelho, conhecida como “A casa do Rio Vermelho”.

Durante a sua carreira de escritor Jorge Amado teve vários livros publicados e traduzidos para mais de cinquenta países. Suas obras também ganharam vida, emocionaram muitas pessoas que derramaram lágrimas emocionadas, fizeram rir baixinho ou saltarem altas gargalhadas, em suas casas, nos teatros e nos cinemas. E atualmente existem versões em braile e em audiolivro que passam a abranger as pessoas com deficiências físicas. Os nomes dos seus personagens foram apropriados por diversas pessoas, nomeando ruas, estabelecimentos comerciais e produtos de consumo.

Jorge alcançou honras reconhecidas a ele durante a sua vida de prêmios nacionais e internacionais, como: Stalin da Paz (União Soviética, 1951); Latinidade

(França, 1971); Nonino (Itália, 1982); Dimitrov (Bulgária, 1989); Pablo Neruda (Rússia, 1989); Etrúria de Literatura (Itália, 1989); Cino Del Duca (França, 1990); Mediterrâneo (Itália, 1990); Vitaliano Brancatti (Itália, 1995); Luis de Camões (Brasil, Portugal, 1995); Jabuti (Brasil, 1959, 1995); e Ministério da Cultura (Brasil, 1997).

Recebeu títulos de comendador e de Grande Oficial, nas ordens da Venezuela, França, Espanha, Portugal, Chile e Argentina; além de ter sido feito Doutor *Honoris Causa* em 10 universidades, no Brasil, na Itália, na França, em Portugal e em Israel. O título de Doutor pela Sorbonne, na França, foi o último que recebeu pessoalmente, em 1998, em sua última viagem a Paris. Entretanto, apesar de tantos destaques, de amizades com personalidades importantes para a literatura a nível mundial (Pablo Neruda, Darcy Ribeiro, Gabriel García Márquez), sempre caminhou lado a lado com a humildade. Ele orgulhava-se do título de Obá, posto civil que exercia no Ilê Axé Opô Afonjá, na Bahia, e dizia que não era um literato, mas sim um Obá, que não havia nascido para ser famoso e nunca havia se sentido importante era apenas um escritor e homem (AMADO, 2012).

Entre as várias obras publicadas por Jorge Amado estão: O País do Carnaval (1931); Cacau (1933); Suor (1934); Jubiabá (1935); Mar Morto (1936); Capitães de Areia (1937); O Cavaleiro da Esperança (1942); Terras do Sem Fim (1943); São Jorge dos Ilhéus (1944); Bahia de Todos os Santos (1945); Seara Vermelha (1946); Os Subterrâneos da Liberdade (1954); Gabriela, Cravo e Canela (1958); Dona Flor e Seus Dois Maridos (1966); Tereza Batista Cansada de Guerra (1972) O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá (1976); Tieta do Agreste (1977); O Menino Grapiúna (1981); O Sumiço da Santa (1988); Navegação de Cabotagem (1992); A Descoberta da América pelos Turcos (1994); O Compadre de Ogum (1995); e O Milagre dos Pássaros (1997). Para mais, possui a publicação de contos como: História do Carnaval (1945); e As Mortes e o Triunfo de Rosalinda (1965). Poesias, álbum roteiro e coautorias também fazem parte das façanhas do autor.

1.3. Jorge Amado: quando as memórias se materializam na escrita

Ao se inventar como escritor, Jorge Amado reinventou o Brasil. A partir dele não podemos mais pensar em nosso país sem as cores e o sensualismo, a mestiçagem e o sincretismo, a fibra e a alegria que norteiam suas narrativas. Nós, que nascemos a partir da metade do século XX, somos filhos e herdeiros dessa literatura. Somos, de alguma forma, seus personagens também. Se o Brasil tem um autor, ele se chama Jorge Amado (Caderno de leituras – Coleção Jorge Amado).

Romancista da Bahia, seja da zona cacauífera, seja dos aspectos populares da cidade de Salvador, sua obra é uma verdadeira saga, varrida por um forte sopro lírico, bem característico da terra que retrata. (Afrânio Coutinho).

Romancista da memória, fecundo criador de personagens, ímpeto impressionante na narrativa focando a especificidade do homem na sua região, há em Jorge Amado a reconstituição documentária da civilização cacauífera baiana, a partir do caminho escolhido pelo escritor que participa e julga o mundo. Expõe cenas e situações dentro de geografia típica. Com apelos dramáticos e líricos constrói a mensagem de esperança na narrativa sequenciada através dos acontecimentos. Mostra-se como o intérprete, crítico e historiador de nossa condição social (Cyro de Mattos).

Podemos observar que desde sua mais terna infância Jorge Amado esteve em contato com os elementos que estão presentes em suas narrativas. Os acontecimentos que fizeram parte do seu cotidiano delimitaram de maneira bastante marcante tanto as características físicas quanto os valores comportamentais de seus personagens, trazendo, com isso, as configurações de sua vida para as teias discursivas de sua literatura. Filho de fazendeiros desbravadores da Bahia possui em sua escrita, condições do seu imaginário que dialoga com a sua memória.

No litoral sul da Bahia, a “nação grapiúna”, o menino Jorge Amado ganhou intimidade com o mar, elemento fundamental de seus livros, e viveu algumas de suas experiências mais marcantes. Cresceu em meio a lutas políticas, disputas pela terra e brigas de jagunços e pistoleiros. Seu pai foi baleado em uma tocaia. Em companhia do caboclo Argemiro, que nos dias de feira o colocava na sela e o levava a Pirangi, o menino conheceu as casas de mulheres e as rodas de jogo. (CARDERNO DE LETRAS, s/d, p.79).

Todo o seu cotidiano é retratado nas páginas dos seus livros como um reflexo de sua vida, onde personagens vivem um pouco das situações semelhantes pelas quais ele passou e pelas quais outras pessoas contemporâneas a ele também passaram, salvo exemplo, pode ser citado o caso do seu pai que havia abandonado Estância, em Sergipe, para se aventurar no desbravamento do sul da Bahia para

formar a "civilização do cacau" e forjar a nação grapiúna (AMADO, 1981). Caso este semelhante ao de alguns personagens do livro Gabriela, *Cravo e Canela* que também eram desbravadores dessa Região.

A "civilização do cacau", Região Cacaueira, localizada no Sul da Bahia, era o território que, anteriormente, no Período Colonial pertencia às capitânicas hereditárias de São Jorge dos Ilhéus e de Porto Seguro (No entanto, situava-se apenas no território da antiga Capitania Ilhéus). Serve de cenário para diversas de suas obras, principalmente, por comportar alguns elementos muito ricos da paisagem cultural e histórica com o qual o autor possuía intimidade. A Região do Cacau foi sendo construída ao longo do tempo não apenas como um setor econômico de forte importância para o Brasil e para o exterior, mas também foi edificando, fabricando, moldando e delimitando suas matrizes culturais repleta de peculiaridades.

Em meio a essa cultura onde coronéis, jagunços e trabalhadores rurais arriscaram as suas vidas, em nome de um pedaço de chão, para cultivar o cacau, vivia socialmente e se alimentava intelectualmente o Jorge Amado, enxergando às questões sociais, as desigualdades, entre as grandes casas dos coronéis e as pequenas casas de barro do trabalhador, o progresso local, a política, entre outras questões.

Desse contexto, a memória do menino registrou dramas vivenciados que o escritor ficcionalizou: as questões da terra, sua conquista; perfis típicos; hábitos, crenças, valores. Assim, Jorge Amado foi construindo, progressivamente, a sua saga. Nos seus primeiros livros, pela ótica do poder, conta a origem e o crescimento da civilização grapiúna, o desenvolvimento de Ilhéus, o nascimento de Tabocas, depois Itabuna (SIMÕES, s/d, p.2).

Sendo assim, a questão nacional está enraizada em suas obras, até mesmo, porque ele considerava o estado da Bahia como o polo originário da nação brasileira (CARLIXTO, 2011, p. 27). Ao mesmo tempo, ele trabalha com uma ideia de mediação entre o erudito e o popular, entre o sagrado e o profano. De todo modo, pode ser afirmado que o romancista, de fato, traz até os seus leitores uma concepção de identidade nacional ao representar um Brasil com um caráter mestiço, alegre, festeiro, supersticioso, e sensual. Portanto, Segundo Castello (2012):

Não é exagero dizer: Jorge Amado foi o inventor do Brasil moderno. Não há escritor brasileiro que tenha a imagem pessoal tão ligada à de nosso país quanto ele. As semelhanças começam já em sua figura. Quem não se lembra de sua presença farta e calorosa e de seu jeitão informal e vivaz de existir? Bonachão e sorridente, Jorge guardava em sua figura um tanto da inocência do Brasil profundo em que nasceu — a fazenda Auricídia, em Ferradas, distrito de Itabuna, sul da Bahia. Com um sorriso amplo de quem levava a vida com leveza e displicência, atributos que se materializavam em seus modos lentos e seus quilinhos a mais, parecia não ter pressa, pois era dono de si. [...] Maneiras falantes, mas sem rodeios e sem poses, de quem via a literatura como aventura, tão gostosa quanto às brincadeiras de menino, e não como exercício de nobreza intelectual. Para Jorge, os escritores podiam ser tudo, menos literatos. Literato é o homem letrado e que gosta de exibir erudição, ele pensava. Jorge, ao contrário, era apenas um homem que gostava de escrever. Dizia ser um escritor e mais nada (CASTELLO, 2012, p.12 - 13).

Portanto, Jorge Amado é um escritor que reflete uma representação do Brasil, não apenas em sua narração literária, mas também em sua maneira de lidar com a vida. Ele enxergava com alteridade o povo brasileiro e a sua mistura cultural, tinha consciência de que a sociedade do Brasil jamais poderia ser representada com de forma homogênea. Evidenciava, pois, em suas obras as mais variadas questões, em especial as de caráter religioso e criminal, apontando a pluralidade, das crenças que formaram o país. Seus personagens são peculiares e representa cada um uma postura social, cada voz representa aspectos das defesas diferentes acerca de um ponto de vista, são por isso diversas vozes que ecoam em um único lugar.

2. MULHERES HONRADAS E HOMENS VALENTES: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO FEMININO E DO MASCULINO NO SÉCULO XX.

Neste capítulo abordaremos acerca das questões discursivas sobre o feminino e o masculino no século XX, através das articulações entre as discursões de gênero e literatura. Com isso, é no campo literário que pesquisamos para entender as relações de gênero decorrentes da análise do livro *Gabriela*. Portanto, neste capítulo, o objetivo da pesquisa é justamente discorrer acerca dos conceitos de gênero que estão imbricados no contexto da obra *Gabriela, Cravo e Canela*. Assim como identificar a construção discursiva que configura o feminino e masculino como um reflexo da cultura do Brasil, especialmente, da cidade Ilhéus localizada no interior da Bahia no século XX.

2.1. Mulher, gênero e história: uma discussão viável

Quando eu vim para esse mundo,/eu não atinava em nada/Hoje eu sou Gabriela/Gabriela, iê... Meus camarada!/Eu nasci assim, eu cresci assim,/E sou mesmo assim, vou ser sempre assim:/Gabriela, sempre Gabriela!/Quem me batizou, quem me nomeou,/Pouco me importou, é assim que eu sou/Gabriela, sempre Gabriela!/Eu sou sempre igual não desejo o mal/Amo o natural, etc e tal./Gabriela, sempre Gabriela! (Dorival Caymmi).

Aquilo que na mulher inspira respeito e não raramente temor é a sua natureza, que é muito mais natural que a do homem, a sua mobilidade, a agilidade da verdadeira besta fera, a unha felina que esconde, sob a luva perfumada, seu egoísmo ingênuo, sua inépcia em ser educada, o seu ser intimamente selvagem, o inconcebível, a ilimitada mobilidade de suas paixões e virtudes... O que inspira piedade por esse felino perigoso que chamamos "mulher" é que ela é mais sujeita a; sofrer, mais sensível, mais amorosa e condenada às desilusões mais que qualquer outro animal. Temor e piedade, eis os sentimentos que o homem experimenta até agora diante da mulher, sempre com um pé na tragédia, cuja desventura também entusiasma? (Friedrich Nietzsche).

Da História, muitas vezes a mulher é excluída. (Michelle Perrot).

As epígrafes acima estão traduzindo diferentes olhares, perfis e representações sobre as mulheres. Representações essas que vêm de diferentes lugares sociais, o musical, o filosófico e o histórico. As representações acerca das elaborações do feminino foram formuladas a partir de diferentes abordagens. Na

primeira temos uma letra musical de Dorival Caymmi que retrata a mulher Gabriela, a mulher forte, com atuação política e dona de si. Ela é a mulher que se destaca por sua força, pois ela sabe o que quer e não esconde da sociedade ao qual se imprime que de fato não deseja mudar. Na segunda a partir de uma visão filosófica nietzschiana temos uma mulher que é mais natural que o homem, porque possuem características peculiares a irracionalidade, é comparada a um animal quando se trata de sentimentos, por isso, apesar disto, em baixo de sua postura feminina, delicada e educada existe um ser selvagem e perigoso. Entretanto ela está fadada ao sofrimento, as decepções e ao sofrimento mais do que o homem, porém será que o homem também não tem a sua sensibilidade e por vezes pode sofrer mais que a mulher? E, por último, temos uma perspectiva histórica, de sociabilidade, da historiadora Michelle Perrot que destaca uma mulher silenciada, uma mulher ser força política, sem vontade de potência é, pois, uma mulher excluída dos feitos históricos.

Portanto, por meio dessas epígrafes podemos perceber que a história das mulheres vem sendo contada dando lugar a um leque de vertentes sobre os lugares do feminino, resultando em vários trabalhos sobre o seu cotidiano, desde o privado até ao público. A produção historiográfica vem, desde o final do século XX, dando importância ao feminino.

Destacando o papel das mulheres na família, no casamento, na maternidade, na sexualidade e as questões da prostituição. Foram enfatizadas diversas ações impostas às mulheres destacando a educação, disciplinarização e modelos de conduta (MATOS, 2013, p. 7).

Para tanto, é importante frisar que quando abordamos as questões de gênero e do feminino temos que ter cautela para não formar um conceito unilateral sobre o que é ser mulher. Apesar das mulheres terem vivido durante muito tempo, na sociedade ocidental, sobre repressão social, sexual e intelectual, houve as mulheres transgressoras que se permitiram ir mais além dos limites que a ela foram impostos.

Embora sempre tenhamos sido bombardeados pelos discursos moralizantes que insistiam em nos mostrar a figura feminina pacata e ordeira, as documentações policiais, mais recentemente visitadas, apontam para outra realidade e as mulheres emergem criando casos, resmungando palavras, batendo e apanhando nas ruas, assassinando maridos, vivendo concubinatos, mostrando-nos uma imagem real muito distante daquela idealizada (SILVA, 2008, p. 228).

E ainda que as mulheres atuem na sociedade com quase a mesma intensidade que os homens, sendo elas subversivas, isto é, mulheres que quebram os paradigmas da sociedade em que vivem, dificilmente, veremos os seus nomes serem aclamados em uma perspectiva historiográfica do século XX e/ou nos livros didáticos distribuídos nas escolas brasileiras, pois alguns discursos subversivos femininos foram silenciados ao longo da história. Apesar de que, durante o século XX, o movimento feminista tenha ganhado bastante força e alcançado bastantes conquistas.

Discutindo a dimensão de exclusão a que as mulheres estavam submetidas, entre outros fatores, por um discurso universal masculino, a historiografia buscou dar visibilidade as experiências femininas, destacando a opressão histórica sobre elas. Contudo, esta produção esteve balizada por visões que reforçavam por um lado a “vitimização” da mulher - numa análise que apresentava um processo linear e progressista de suas lutas e vitórias-, e por outro uma visão de “onipotência” e “rebeldia” feminina, que algumas vezes estabelecendo a “heroicização” das mulheres (MATOS, 2013, p. 7).

O conceito “gênero” e “identidade de gênero” surgiram pela primeira vez em 1963, através do psicanalista estadunidense Robert Stoller a fim de distinguir entre as características biológicas e culturais, portanto, a questão biologia, o corpo, os órgão genitais, se referem ao sexo e gênero se refere a relações culturais (PISCITELLI, 2009). Isto é, quando nascemos somos determinados como menino ou menina através da análise dos órgãos genitais, contudo a maneira na qual as mulheres e os homens se comportam na sociedade não dependem dos órgãos genitais, mas sim das características culturais que a mesma comporta.

O conceito de gênero foi elaborado em um momento específico da história das teorias sociais sobre a “diferença sexual”. [...] é importante perceber que o conceito de gênero, desenvolvido no seio do pensamento feminista, foi inovador em diversos sentidos. Perceber o alcance dessa inovação exige prestar atenção às formulações desse pensamento (PISCITELLI, 2001, p. 2).

Foi no final do século XIX, e no começo do século XX, que se iniciou a “primeira onda” do feminismo. Destacam-se principalmente o continente Europeu e a América do Norte como pioneiro na luta pelos direitos iguais entre os homens e as mulheres. As feministas desejavam entre outras coisas que as mulheres pudessem votar e receber uma educação de qualidade.

A luta feminista era marcada pela percepção de que as mulheres na sociedade eram basicamente subordinadas aos homens e que esta subordinação era vista como natural, mas de fato era uma tradição pesada e injusta. A vida seria como uma peça teatral onde cada personagem era obrigada a seguir um roteiro, com instruções severas sobre as suas falas e comportamentos, era assim que a mulher era educada: as mulheres seguiam estes roteiros culturalmente construídos.

A “segunda onda” tem como percurso o livro *Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir. Em 1960, um grupo de mulheres lutou efetivamente a favor de seus direitos. Por meio de leituras que definiu a opressão feminina como uma violência que atingia mulheres de todas as classes sociais e de todas as raças. Portanto, a luta feminista se destaca por ir de encontro ao patriarcalismo, ao direito da mulher possuir seu próprio corpo e ter suas próprias vontades.

Quando falamos de gênero refletimos sobre os espaços sociais determinados para os homens e para as mulheres, que acabam por gerar a inferioridade de um em relação ao outro, ou seja, produz uma discriminação da mulher que parte tanto de homens quanto dela mesma, pois além do julgamento masculino, que coloca em destaque o comportamento da mulher, ela mesma também julga o seu próprio comportamento, o que leva algumas mulheres a vigilância dos seus corpos e ao martírio diante de situações que não condizem com a posição moral que a sociedade determina para ela (levada ao julgamento de si mesma e das outras mulheres “desviantes” da conduta “correta”). Existe, portanto, um discurso discriminatório que define espaços como naturais para o masculino e para o feminino.

Com frequência, esses traços são considerados como algo inato, com o qual se nasce, algo supostamente ‘natural’, decorrente das distinções corporais entre homens e mulheres, em especial daquelas associadas às suas diferentes capacidades reprodutivas. Em muitos cenários, a vinculação entre qualidades femininas e a capacidade de conceber filhos e dar à luz contribui para que a principal atividade atribuída às mulheres seja a maternidade, e que o espaço doméstico e familiar seja visto como seu principal local de atuação (PISCITELLI, 2009, p. 118).

Os espaços atribuídos para os sexos são tão enraizados que se refletem de maneira natural mostrando a subordinação feminina nas músicas, nos filmes, nas novelas, nos anúncios publicitários, nas obras literárias, entre outros. E, portanto, visto como natural na sociedade.

A subordinação feminina é pensada como algo que varia em função da época histórica e do lugar do mundo que se estude. No entanto, ela é pensada como universal, na medida em que parece ocorrer em todas (as) partes e [...] períodos históricos conhecidos (PISCITELLI, 2001, p. 2).

A opressão feminina era provada por suas experiências, seu papel na política, no âmbito educacional, profissional e nos demais. E inclusive na história, pois na maioria dos livros históricos e das narrativas do passado a figura feminina é inexistente no corpo textual dando a entender que elas não tiveram nenhum papel decisivo nos acontecimentos que se desenvolveram no mundo. Com a crise do estruturalismo (corrente que defendia recortes macrossociais que tornava consequentemente as mulheres invisíveis na história predominante na década de 1970) foi que inseriram novos personagens na história.

As mulheres, agora protagonistas ao lado dos homens, foram pouco a pouco reveladas tanto na esfera pública (motins, organizações políticas, mercado de trabalho...) como em aspectos privados até então relegados (família, maternidade, lar...). Surgiam enquanto “rebeldes” e “amotinadas”, “donas-de-casa” e “trabalhadoras”, nas praças e nas casas, transformando e sendo transformadas nas teias do poder e das resistências (GOMES, 2011 p.4).

As mudanças conceituais interferiram acerca de diversas camadas intelectuais, entre elas a historiografia. Na década de 1980, passou a investigar a mulher enquanto sujeito histórico dando ênfase ao seu cotidiano, as suas lutas, as suas resistências e as transformações pela qual passaram. Ocorreu de fato uma importante ruptura no campo historiográfico e um considerável aumento das pesquisas que traziam a temática referente à História das Mulheres.

Fez emergir, assim, um conhecimento sobre as mulheres que questiona o papel central que os homens tradicionalmente têm ocupado nas narrativas históricas. Para esta autora, estes novos conhecimentos devem ser compreendidos não como um saber novo preferencial ao velho, mas como, uma reavaliação do conhecimento histórico (SILVA, 2008, p.224).

A mulher brasileira era plural e a transgressão era comum apesar de não ser aceita. Nesse contexto emergiram mulheres que estavam fora do ambiente doméstico, que iam de encontro com o que era considerado dever feminino: casar, ter filhos, ser uma boa dona de casa, fiel e boa mãe. Mas, também tinham as

mulheres que seguiam a risca o que a sua cultura determinava para o seu gênero sexual.

Podemos notar que tanto nas camadas mais pobres quanto nas camadas mais elevadas era exigido das mulheres rigor quando se tratava do cumprimento das regras sociais de boa conduta, onde o respeito e a preservação de sua virgindade era o seu bem mais precioso e, por isso, deveria ser resguardada. Para a mulher desvirginada restava apenas à vergonha moral, porque para elas o casamento era pouco provável.

Pois, a mulher que tem sua virgindade rompida e consegue com sucesso esconder o defloramento da família e da sociedade, não tinha a sua vida marcada pela vergonha e pela repulsa do grupo social em que está inserida. A vida desta mulher corria bem, caso contrário, se ela fosse descoberta "só tinha três alternativas: a prostituição discreta se fosse pobre, o celibato ou um casamento arranjado" (DEL PRIORE, 2006, p. 297). Não importava a classe social que a mulher ocupava o que realmente interessava, para que ela fosse aceita pelos demais, era que fosse pura, intocada e recatada.

2.2. Gabriela, cravo e canela: quando as questões de gêneros estão imbricadas na literatura

Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível, que lhe deres: Trouxeste a chave?
(Carlos Drummond de Andrade).

A palavra não foi feita para enfeitar; a palavra foi feita para dizer.
(Graciliano Ramos).

Se isto é mesmo assim, estudar literatura [...] significa mergulhar decididamente em minha história, em minha sociedade, em minha cultura e em minha própria identidade, como pessoa e como cidadão. É uma busca alucinada do sentido da vida e da sociedade, num diálogo apaixonado com os que ousaram, antes de mim, a difícil travessia. É a irreverência de desfazer as trilhas já trilhadas, de duvidar do indubitável, de teimar no impossível, de queimar as asas no sonho inalienável da liberdade (Luis Filipe Ribeiro).

Através das epígrafes acima podemos interpretar as palavras como um grande mistério e cabe somente ao leitor interpretá-la, isto é, trazer a chave que abre este misterioso baú de tesouros. A palavra existe para conta e narrar. Ora relatam histórias inspiradas em fatos, ora ficcionais, mas podemos ter certeza de

que seja qual for à história ela estará carregada de símbolos que refletem uma cultura, pois a literatura é um dos elementos capazes de nos propiciar entender a conduta de vida, história e cultura dos povos.

O campo literário traz várias possibilidades de análises para diversos campos de estudos, inclusive para a História. Partindo desse pressuposto iremos vislumbrar as questões de gênero e educação feminina, ao longo do século XX, a partir da literatura. E é partindo desse campo que iremos discutir o *livro Gabriela, Cravo e Canela: crônicas de uma cidade do interior* fazendo a relação entre as discursões de gênero e as análises históricas imbricadas nessa obra literária.

Gabriela, Cravo e Canela foi publicada em 1958. É o primeiro livro escrito por Jorge Amado após deixar o Partido Comunista. O romance recebeu nos anos de 1959, os prêmios Machado de Assis e Jabuti. Em 1961, Gabriela virou novela da TV Tupi e também na Rede Globo, em 1975, que recentemente, em 2012, exibiu uma nova versão com 77 capítulos. A História de *Gabriela*, cheiro de *Cravo*, cor de *Canela* têm como cenário, na década de 1920, a cidade Ilhéus. Localidade que já havia se desenvolvido bastante desde o tempo de outrora, mas que não se contentava mais com apenas a criação de belos jardins, porque Mundinho Falcão despertou aos poucos nos corações de cada um dos cidadãos o desejo de um progresso possível para a cidade de Ilhéus.

A cidade possuía poucas atratividades especialmente para as mulheres, enquanto que para os homens os meios de sociabilidades eram mais vastos, principalmente por causa dos bares e dos bordéis, entre eles, o mais conhecido era o bordel “O Bataclan” que possuía como proprietária a Maria Machado. Para as mulheres de família: o cinema; festas particulares em casa de família distinta; o Clube Progresso; e os circos que de vez em quando se anunciava na cidade faziam parte dos lugares que podiam frequentar, mas, é claro com a presença do marido, quando casadas, e na presença dos pais quando solteiras. Porém, após qualquer transgressão feminina a culpa já se decaía sobre os lugares que elas frequentavam. Os homens logo se posicionavam contra.

São contra [...] essa conversa de safadeza numa terra cheia de cabaré e mulher perdida. Onde cada homem rico tem sua rapariga. Vocês são contra o cinema, um clube social, até as festas familiares. Vocês querem mulher trancada em casa, na cozinha... (AMADO, 2012, p. 95).

Contudo, além das questões de progresso e de disputas políticas entre o então líder de Ilhéus Ramiro Basto (que representa a tradição de Ilhéus) e o aspirante a líder Mundinho Falcão (que representa o progresso da cidade) a história também narra diversas histórias de amor, ganhando mais destaque: A da sertaneja Gabriela e a do árabe Nacib que protagonizam um romance que ia de encontro às convenções sociais, porque Gabriela era uma moça desvirginada, pobre, sem família e sem nome, sendo assim, ela não era digna de ser esposa de homem distinto, dona do lar e mulher da sociedade; e a história da Dona Sinhazinha e do Jesuíno Mendonça que apesar de representarem o retrato de um casal modelo da década de 1920, o matrimônio dos Mendonça teve um fim trágico. Tudo teve início quando o fazendeiro Jesuíno Mendonça matou a sua esposa Sinhazinha, ao pega-la em ato de adultério, vestida apenas com meias pretas na cama do cirurgião dentista, chegado a Ilhéus há poucos meses, com dois tiros certos em cada um deles.

Sabiam-se todos ter-se Jesuíno homiziado em sua casa, após o crime. Saciada a sua vingança, retira-se o coronel calmamente, para evitar o flagrante. Atravessa a cidade movimentada pela feira, sem apressar o passo, fora para a casa do amigo e companheiro dos tempos de barulho, mandara avisar ao juiz que no dia seguinte se apresentaria. Para ser imediatamente enviado em paz, aguardar em liberdade o julgamento, como era de costume em casos idênticos (AMADO, 2012, p. 102).

O árabe Nacib, dono de bar movimentado, Bar Vesúvio, mesmo envolvido com as notícias do adultério da mulher de meias pretas, tinha outra preocupação: arrumar outra cozinheira. A sua cozinheira anterior havia ido morar com o filho, em outra localidade, nas vésperas de um jantar muito importante realizado para os senhores de prestígio da comunidade. Cozinheira boa em Ilhéus era pessoa rara de achar, não ficava desempregada, sempre tinha alguém à procura. Porém, o destino se encarregou de colocar Gabriela no caminho de Nacib. Os olhares de Nacib e Gabriela se encontraram pela primeira vez no “mercado de escravos”. Logo as habilidades gastronômicas de Gabriela foram descobertas por Nacib e o seu tempero ficou reconhecido por toda Ilhéus, entretanto não era apenas a sua comida que todos cobijavam, mas também a sua beleza, o seu corpo, a sua sensualidade, o seu riso fácil e a sua simplicidade fascinou a maioria dos homens da cidade, entre eles, seu Patrão Nacib.

[Os homens] vinham para o aperitivo, o pôquer de dados, os acarajés apimentados, os bolinhos salgados de bacalhau a abri o apetite. O número crescendo, uns trazendo outros, devido às notícias sobre a alta qualidade do tempero de Gabriela. Mas muitos deles demoravam-se agora um pouco mais além da hora habitual, atrasando o almoço. Desde que Gabriela passara a vir ao bar com a marmitta de Nacib. Exclamações ressoavam à sua entrada: aquele passo de dança, os olhos baixos, o sorriso espalhando-se dos seus lábios para todas as bocas. Entrava, dizendo bom-dia entre as mesas, ia direta para o balcão, depositava a marmitta. Habitualmente, àquela hora o movimento era mínimo, um ou outro retardatário a apressar-se para casa. Mas, pouco a pouco, os fregueses foram prolongando a hora do aperitivo, medindo o tempo pela chegada de Gabriela, bebendo um último trago após sua aparição no bar (AMADO, 2012, p.141).

Jorge Amado retrata, neste livro, um período de “ouro” em Ilhéus, representado por meio das mudanças sociais, pela abertura de porto para grandes navios, é também retratado as pequenas transformações de uma sociedade patriarcal e do coronelismo. A obra está repleta de enredos de ciúmes, traições, assassinatos, alianças, conflitos e paixões entre os seus personagens. Gabriela, Cravo e Canela inaugura uma nova fase na obra de Jorge, o autor acentua as questões de mistura racial, o erotismo, e a sua percepção do mundo.

Na obra Amadiana a presença das mulheres é muito forte, elas ganham destaque especial, Gabriela e Sinhazinha são mulheres que tiveram coragem de subverterem as normas sociais. As duas tiveram os seus silêncios quebrados, as duas romperam com a ordem social. Sinhazinha não possui nenhuma fala e aparece na história praticamente morta, mas, mostra sua força ao quebrar o seu silêncio com o ato de adultério, pois com isso ela está se afirmando enquanto mulher, dona de seu corpo, dona de seus desejos e de suas vontades. Já Gabriela durante toda a obra ensina a todos que tem os seus desejos e que é dona de seu corpo.

Outras figuras femininas também são dignas de destaque como as mulheres “da vida”, isto é, as prostitutas do Bataclan (e das demais casas de prostituição) e a figura de Malvina. Malvina era a filha do Coronel Melk, uma garota de família que questionava a sociedade em que vivia, tanto com suas palavras quanto com suas ações, pois considerava uma sociedade com desigualdade de gênero, em que a mulher era vista como um objeto ou pior como uma escrava que devia obedecer cegamente o pai e mais tarde o marido. Leitora ávida de bons livros, firme em suas opiniões, de cabeça erguida, orgulhosa e decidida. Figura oposta a mãe. Malvina enfrentaria quem fosse, inclusive o pai, quando não aceita casamento arrumado.

Que adiada dizer? [questiona Malvina] O senhor não vai compreender. Aqui ninguém pode me compreender. Já lhe disse, meu pai, mais uma vez: eu não vou me sujeitar a casamento escolhido por parente, não vou me enterrar na cozinha de nenhum fazendeiro, ser criada de nenhum doutor de Ilhéus. Quero viver a meu modo. Quando sair, no fim do ano, do colégio, quero trabalhar, entrar num escritório (AMADO, 2012, p.193).

Gabriela foi uma obra que abarcou grande sucesso, através desta Jorge Amado foi honrado até mesmo por intelectuais contrários as suas obras como é o caso de Tristão de Athayde (que estava ligado a corrente católica) e Jean Paul Sartre (que pertencia a corrente do existencialismo).

A publicação teve êxito em vendas. Nas duas primeiras semanas de publicação se esgotaram 20 mil exemplares do romance. Em dezembro, do mesmo ano, já havia alcançado a quantidade de 50 mil obras vendidas o que era surpreendente para o Brasil naquela temporalidade. Jorge Amado perpassa em seu romance de forma consciente e também inconscientemente, a forma como ele vivia e interpretava o momento histórico ao qual retratava “até mesmo porque toda obra literária é também ‘testemunho histórico’ e, assim, é possível identificar no texto literário e a lógica e redes de interlocução social nas quais a obra estava inserida” (CALIXTO, 2011, p. 108).

2.3. Entre Evas e Marias: o corpo da mulher e o poder patriarcal no contexto do livro Gabriela, cravo e canela.

A desobediência de Eva foi a causa da morte para ela própria e para toda a humanidade. Apesar de Maria também ter tido um marido escolhido para si, sendo apesar disso virgem, pela sua obediência ela foi a causa da salvação para si própria e para toda a humanidade. [...] O nó da desobediência de Eva foi desatado pela obediência de Maria (Sawyer).

Todos os homens desse nosso planeta/Pensam que mulher é tal e qual um capeta/Conta a história que Eva inventou a maçã/Moça bonita, só de boca fechada,/Menina feia, um travesseiro na cara,/Dona de casa só é bom no café da manhã

Toda mulher, até a mais fiel, tem um limite... (Jorge Amado).

Os trechos acima refletem a imagem da mulher, do seu corpo e da sua moral. A mulher era fadada a seguir apenas dois caminhos ou o da retidão como a figura de Maria ou da perdição como a figura de Eva. Foi Eva a mulher responsável, de acordo com a ideologia cristã, por colocar o pecado no mundo ao deixar-se seduzir

pela serpente. Todas as mulheres posteriores a ela carregaram essa culpa, foram vistas como fracas e facilmente influenciadas.

Em contraponto a imagem de Eva surge Maria a mulher que traz ao mundo o filho de Deus, o detentor da salvação, Jesus Cristo, ou seja, ela dá a humanidade, através de seu ventre, a oportunidade de limpar o mundo do pecado que um dia Eva maculou. Entretanto, por mais “santa” que a mulher parecesse ser existia a desconfiança acerca de sua postura. Os homens entendiam que por mais fiel que uma mulher poderia ser, ela tinha seu limite e, por isso, deveria sempre ser vigiada. Para ser uma boa esposa, dedicada, fiel, amorosa deveriam seguir as normas impostas pelo seu marido. É devido a História Cultural que podemos refletir sobre essas representações.

A partir da ampliação dos estudos e pesquisas no campo da História Cultural, com a introdução de mais temáticas e abordagens, que se tornar possível falar sobre o corpo e as suas representações. Entretanto, a partir do momento em que nos perguntamos quem somos, e procuramos uma “verdade” para isso, a nossa “verdadeira” identidade, deixamos de ser explicáveis em termos de natureza humana e passamos a ser representados enquanto articulação de saber-poder (CANDIOTTO, 2013). Jorge Amado consegue com maestria discorrer acerca dessas relações de poder e saber entre os corpos dos homens e das mulheres na obra literária *Grabriela, Cravo e Canela*.

Após a descoberta do corpo como alvo de poder, na época clássica, foi dada uma maior atenção ao mesmo, pois foi percebido que ele podia ser modelado, treinado, torna-se hábil para obedecer (FOUCAULT, 2012). Logo, o corpo tem a sua desenvoltura interferida por uma teia de relações sociais que o antecede, isto posto, porque as relações humanas seguem um regimento composto por regras sociais que, aos nossos olhos são naturais, pois às vezes não percebemos que elas são fruto de relações de saber e poder que existem para limitar, proibir, e obrigar os seres humanos a manterem certa ordem social.

O corpo é, portanto, um território passível de invasão, tanto física, quanto psicológica. É um lugar que corresponde a uma representação da cultura na qual o sujeito está inserido. Desse modo, o corpo está sendo, a cada segundo após o nascimento de um sujeito, construído socialmente. Para Foucault (2012):

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que a esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que se façam o que se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo [...] e diminui essas mesmas forças (FOUCAULT, 2012, p. 133).

Quando nos referimos às questões afetivas, isto é, das relações amorosas, esta relação de controle ao corpo do outro, é ainda mais forte, pois nos espaços onde o cotidiano se desdobra os micros poderes que vem a afetar, leia-se a influenciar, o corpo do outro seja na sua maneira de se vestir ou de se comportar. Os espaços particulares são pequenos espaços disciplinadores, em que esposas e maridos, namorados e namoradas podem ter seus corpos docilizados um pelo outro no decorrer das relações afetivas que perpassam suas vidas.

Esta questão é refletida na obra de Jorge Amado, pois nela o corpo da mulher é representado no contexto da sociedade da cidade de Ilhéus sendo delimitado por características das conjunturas da moral e dos bons costumes desta territorialidade durante a década de 1920. A figura feminina era vigiada e para ser aceita diante da sociedade deveria ser o retrato da pureza e da castidade, porém, ao mesmo tempo, a sociedade de maneira em geral esperava uma mulher que se caminha no caminho da retidão, ela não negava a possível inclinação da mulher para o pecado.

A relação da mulher com o mal existe há muito tempo e desde a Idade Média que as características femininas são comparadas com sentimentos como inveja, luxúria e gula. A mulher seria a única culpada, através da figura de Eva, do mundo ter caído nas mãos do pecado. A mulher não deveria ser subestimada (BLOCH, 1995). Esta concepção em torno da figura feminina persistiu durante muito tempo e podemos nota-la no discurso dos personagens da obra de Gabriela. É nítida quando o personagem João Fulgêncio afirma que “esse costume [de traição da mulher] vem de Eva com a serpente” (AMADO, 2012, p. 93). Nenhum homem pensava diferente: lugar de mulher, portanto é em casa, pois “O lar é a fortaleza da mulher virtuosa” (AMADO, 2012, p. 95), pois, “mulher é bicho ruim, faz desgraça com a gente [...] mulher é enganadeira, a gente nunca sabe que coisa tá maginando (sic)” (AMADO, 2012, p.110). Sendo assim, em um disparate da personagem Malvina ela reflete sobre a postura e os deveres da mulher na sociedade e lastima esse lugar social, pois,

Dera-se conta da vida das senhoras casadas, igual à mãe. Sujeitas ao dono. Pior que Freira [...] Conversavam no pátio do colégio, juvenis e risonhas, filhas de pais ricos. Os irmãos na Bahia, no ginásio e na faculdade. Com direito a mesada, à gastar dinheiro, a tudo fazer. Elas só tinham para si aquele breve tempo de adolescência. As festas no Clube progresso, os namoros sem consequência, os bilhetinhos trocados, tímidos beijos furtados nas matinês dos cinemas, por vezes mais fundos nos portões dos quintais. Chegava um dia o pai com um amigo, acabava o namoro, começava o noivado. Se não quisesse o pai obrigava. [...] Marido trazido, escolhido pelo pai, ou noivo mandado pelo destino era tudo igual. Depois de casada não fazia diferença. Era o dono, era o senhor, a ditar as leis, a ser obedecido. Para ele os direitos e para ela o dever, o respeito. Guardiãs da honra familiar, do nome do marido, responsáveis pelo filho (AMADO, 2012, p.196).

A fala de Malvina reflete uma realidade frequente na sociedade brasileira durante boa parte de sua existência e que ainda permanecia durante o início do século XX. Onde as mulheres conheciam o rapaz e os beijos eram roubados no cinema. As mulheres demonstravam uma inocência e pudor exacerbado.

Era um jogo do amor, onde às cartas eram marcadas pelos familiares dentro de relações de interesses com o objetivo de atingir o benefício familiar. Mais tarde a família conhecia o moço e firmavam compromisso sobre a benção dos pais. O casamento não podia demorar caso contrário à moça ficaria “falada”. No passeio dos namorados eles iam acompanhados para que evitasse uma maior intimidade e duravam no mais tardar até às nove da noite.

Estes eram os passos dados durante um namoro ou um noivado eram com o objetivo de resguardar a honra da menina, pois uma moça sem honra nada mais valia (DEL PRIORE, 2006). A honra de uma moça era aquilo de mais precioso que ela podia possuir um tesouro guardado que só podia ser descoberto após o casamento, na noite de núpcias.

O corpo feminino era alvo de vigilância constante. Por isso, tornar os corpos dóceis perpassa vários ambientes, os espaços de sociabilidade, o doméstico, as questões políticas e sociais. O corpo é um objeto das relações humanas que engloba questões emocionais e subjetivas, ou seja, ele pertence a um ser humano, portanto é provido de sentimentos (ALMEIDA, 2008), inclinado a ser modelado pelos aspectos dos lugares que ele ocupa.

Como podemos ver a ideia de uma identidade livre de influências são completamente descartadas, pois os sonhos, as vontades e os desejos, assim como as aversões não passam de construções discursivas, de união de recortes

proferidos diante do sujeito durante toda a sua vida. De acordo com Rodrigues (2003),

O sujeito terá seu 'olhar' inevitavelmente marcado pelo imaginário cultural, pelas crenças, pelos instrumentos científicos e pelo conhecimento 'oficial' [...] mas, não é isso que está em discussão e sim o fato da interpretação do 'outro' ter mais poder que a interpretação do próprio sujeito (RODRIGUES, 2003, p. 111).

Assim, o corpo tem valor pelo lugar que ele pertence, como uma superfície de inscrições dos acontecimentos, de lugar, de dissociação do eu ao qual no percurso histórico percebemos estar inteiramente marcado de história e a história arruína o corpo (FOUCAULT, 2012). Consequentemente, o corpo não pode ser olhado diretamente por aquele que o pertence, mas sim é enxergado a partir do olhar de outra pessoa, do seu par, em busca de aceitação.

Desse modo, "Todo 'olhar' já é uma 'interpretação', uma posição, um lugar de vislumbre, um lugar de poder" (RODRIGUES, 2003, p.112). E mais, este olhar não irá se referir apenas a um olhar específico, mas sim a um conjunto de olhares, formando assim uma "estrutura" de relações de poderes, que constituem saberes, que formam as disciplinas, e por fim tecem as teias discursivas, fazendo com que esta operação resulte em um controle sobre o corpo.

No contexto social os discursos elaborados sobre o corpo produzem efeitos de verdade. Estes sentidos de verdade assumem ao que se refere às representações culturalmente delineadas para o corpo, repercute no social e na vida dos sujeitos. Desse modo, os discursos elaborados sobre o corpo assumem diferentes preposições ao que se refere ao quesito de verdade. Logo, "verdade" pode ser entendida como "um conjunto de procedimentos que regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos anunciados" (FOUCAULT, 2012, p.54). Com isso, através da seguinte afirmativa Foucault (1998) supõe:

Que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos, que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1998, p. 8-9).

Mas, essas relações escondem uma vontade de verdade e de poder por trás de cada anunciado proferido. Um poder que permeie, produza e induza. Por intermédio do mesmo podemos ver exteriorizado, em seus atos, palavras e imagens uma construção vinda dos desejos e das sensibilidades que os sujeitos detêm.

Por mais que o discurso seja, aparentemente, bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT, 1998, p. 10)

No campo das sensibilidades, o historiador busca encontrar o centro das percepções e traduções das experiências humanas no mundo (PASAVENTO, 2012). Esta vertente do conhecimento busca lidar com o sensível, com as feridas das almas e dos corações, com aquilo que está no mais íntimo do nosso ser, isto é, irá lidar com o emocional e a subjetividade de cada partícipe.

Analisar os discursos, a relação do homem e da mulher com o corpo um do outro, ou com os seus próprios corpos, é analisar também as razões e os sentimentos das pessoas, porque apesar desses sentimentos serem produzidos internamente eles são exteriorizados e manifestados, escapam pelos poros e se fazem sentir de alguma forma, por conseguinte, estes aspectos são significativos e importantes ao olhar do historiador.

2.4. “A masculinidade como nobreza”: questões de gênero e representação.

Quando eu estava pra nascer,/ de vez em quando eu ouvia/eu ouvia mãe dizer,/ai meu Deus como eu queria/que esse cabra fosse homem,/cabra macho pra danar.../Ah! mamãe aqui estou eu,/ mamãe aqui estou eu/sou homem com H, e como sou! (Ney Matogrosso).

Homem não chora nem por dor, nem por amor/E antes que eu me esqueça/Nunca me passou pela cabeça lhe pedir perdão/E só porque eu estou aqui, ajoelhado no chão/Com o coração na mão/Não quer dizer que tudo mudou/Que o tempo parou, que você ganhou. (Frejat).

Pensar em cultura é necessário para pensar a sociedade, para além das características biológicas, porque é através dela que podemos identificar as diferenças entre os povos. A própria formação do ser humano desde a época das cavernas é pautada em relações que formaram a cultura, pois eles já conviviam com os espaços, se adaptavam e o modificavam. Por isso, a cultura nos ajuda a entender que as explicações dos comportamentos humanos só não podem ser naturais, mas sim fruto de relações e adaptações. No homem e na mulher, as necessidades como sono e desejo sexual respondem a informações culturais. Contudo, a sociedade defende a sua cultura e preserva a sua identidade coletiva. Observar esta identidade é também fazer uma leitura da realidade de um grupo social e das suas representações simbólicas (CUCHE, 1999).

Essas construções de representações e significados são os formadores dos estereótipos de meninos e de meninas, vão determinando perante a sociedade a forma com que cada um deles deve viver, delimitando, desse modo, as suas vivências, as suas escolhas e as suas identidades (MEYER, 2003). Sendo assim, é importante ressaltar que o conceito de identidade é tomado, nesse trabalho, como impresso pela cultura, portanto, é nomeada de acordo com cada contexto e experiências vividas dentro de cada âmbito cultural. Por consequência, as representações são construídas por discursos, estes que não carregam de maneira nenhuma neutralidade, gerando estratégias e táticas para legitimar escolhas (CHARTIER, 1990).

Diante das afirmativas postas Joan Scott (1990), define a relação de gênero como “o elemento constitutivo das relações sociais, baseadas em diferenças percebidas entre os sexos, e como sendo um modo básico de significar relações de poder” (SCOTT, 1990, p. 15). Para tanto, as relações de gênero não se limitam

apenas a questão biológica, muito pelo contrário, ela esta alicerçada, segundo Soares (2011),

[Nas] relações de poder estabelecidas no jogo das significações e das relações sociais, hierarquizando sexualmente os indivíduos, estabelecendo seus lugares de atuação na sociedade, e categorizando-os segundo sua constituição biológica, “natural”. Nesse sentido, o feminino se opõe ao masculino na medida em que estas categorias se constroem e são construídas no tempo e no espaço. O que faz uma mulher “ser mulher” numa dada sociedade, num determinado tempo, são, assim, as condições históricas, sociais, culturais, políticas e econômicas as quais estão submetidas (SOARES, 2011, p. 2).

Jeffrey Weeks (1999) complementa ao observa que a sexualidade, apesar de ter como suporte físico o corpo biológico, não deixa de ser fruto de uma construção social, e ser uma invenção histórica. Contudo, a sexualidade do ser humano é formada por uma série de crenças, valores, comportamentos e identidades que são previamente constituídas pela sociedade e pela cultura. A determinação social entre o certo e o errado, o lícito e o ilícito, a moral e o imoral, reforçam as concepções de que determinado comportamento sexual só pode ser realizado por homens e se cogitados pelas mulheres, as mesmas, sofrem o risco de serem tachadas como desviantes da conduta correta que foi configurada para elas em relação ao exercício de sua sexualidade. Desta forma, o lugar da mulher é delimitado através dos discursos comportamentais, psiquiátricos, médicos, entre outros, a fim de manter a mesma no lugar determinado pelo âmbito social (KEHL, 2008). De acordo com Bourdier (2002),

As injunções continuadas, silenciosas e invisíveis, que o mundo sexualmente hierarquizado no qual elas são lançadas lhes dirige, preparam as mulheres, ao menos tanto quanto os explícitos apelos à ordem, a aceitar como evidentes, naturais e inquestionáveis prescrições e proscricções arbitrarias que, inscritas na ordem das coisas, imprimem-se insensivelmente na ordem dos corpos (BOURDIER, 2002, s/p).

Todavia, na medida em que, a mulher é vítima da dominação, o homem é prisioneiro da representação de dominador, uma vez que, ser homem pressupõe ser possuidor de honra e respeito. Assim, para não ser definido como fracassado e com o objetivo de adquirir igualdade, ou até mesmo superioridade, entre os seus pares, o homem vive na corrida incansável de adquirir *o status quo* de macho alfa, que vai construindo durante todo o seu processo de socialização, e, ao mesmo tempo, de

manter esta posição, diante da família, amigos e da sociedade em geral (BOURDIER, 2012). Observamos que em muitas sociedades, quando se faz análise comparativa entre o homem e a mulher, o homem possui posições de superioridade e características como: virilidade, coragem física, moral, sedução, determinação, aptidão ao realizar tarefas perigosas e com instrumentos, pois “Não é sempre por valor ou castidade que os homens são valentes e que as mulheres são castas” (LA ROCHEFOUCAULT, 2007, p. 15). Estas disposições “inscreve-se em uma natureza biológica e se torna um *habitus*, lei social incorporada” (BOURDIER, 2002, p. 63-64).

Com isso, pertencer ao gênero masculino é uma responsabilidade, para eles, de extrema importância, pois todo homem “de verdade” deve ao longo de toda sua vida está disposto a provar a sua masculinidade diante de qualquer circunstância, seja qual for o preço a pagar. Resultando até mesmo em práticas de violência que é uma característica bastante peculiar quando nos referimos à masculinidade e a defesa da honra, visto que, sentimentos como fragilidade, ternura e outros “desvios” pertencentes ao campo do sensível, para o masculino dizem respeito somente às nuances do mundo feminino.

Contudo, certas maneiras típicas de demonstrar coragem nada mais são do que uma forma de se afirmar como indivíduo de bravura diante a sociedade, porque nenhum homem deseja perder a estima conquistada pautada no código de masculinidade. A perda da estima social pode resultar em taxações como “veado” “mulherzinha”, ou “corno manso”. A identidade do corno é comparada a de um homem sem dignidade ou respeito, seria uma deficiência masculina (ARRUDA, 2011).

Assim, como defesa de sua honra, que deve ser imaculada, alguns homens tem como justificativa a adoção de atos perversos como torturas psicológicas, físicas e ainda, em alguns casos, assassinato. Nessas situações eles depositam toda a culpa de um ato brutal na vítima, pois ele, o agressor, segundo sua defesa, não possuía outra saída a não ser provar a sua masculinidade diante da sociedade na qual vivia. Como podemos observar esta virilidade nada mais é do que construída pelos homens, para os homens e contra as mulheres que na realidade são temidas, porque o homem vê nelas um reflexo de si próprio e tem medo que a mesma passe a se comportar da mesma maneira que ele gerando, assim, uma igualdade ou

superioridade que acabe o “castrando”. Sendo assim, CHARTIER (2002), discorre sobre:

A construção das identidades sociais como resultando sempre de uma relação de forças entre as representações imposta por aqueles que têm poder de classificar e de nomear e a definição, submetida ou resistente, que cada comunidade produz de si mesma [...] (e) considera o recorte social objetivado como a tradução do crédito concedido à representação que cada grupo faz de si mesmo, portanto, à sua capacidade de fazer com que reconheça sua existência a partir de uma exibição de unidade (CHARTIER, 2002, 73).

A relação entre dominador (masculino) e dominado (feminino) está envolta por uma gama de emoções peculiares a condição humana e é posta por meio de muitos limites que oprimem o ser humano: são as emoções como vergonha, humilhação e culpa. A mulher, neste tipo de relação, sofre um bombardeamento de exigências sobre várias questões como a forma de se vestir, de aparentar fisicamente, emocionalmente, de se comportar socialmente e sexualmente, independente de sua vontade, mas sim de acordo com o juízo que a sociedade e principalmente o seu companheiro impõe. A mulher, portanto, é subtraída em vários aspectos do seu ser.

A concepção de honra masculina ofendida, no âmbito conjugal, apresentava a particularidade de vincular-se ao comportamento sexual feminino. Esse aspecto criou a relação entre honra masculina, sinônimo de virilidade e coragem, e honra feminina, por sua vez, sinônimo de vergonha, pureza e fidelidade. Nesse sentido, a honra feminina estava diretamente vinculada ao comportamento sexual das próprias mulheres. Para as solteiras, a existência do hímen, dádiva pertencente exclusivamente ao marido. Para as mulheres casadas, a fidelidade conjugal (CONÇEIXÃO, 2009, p. 108).

O menor sinal de desvio de conduta feminina pode provocar no homem sinais de uma raiva descomunal que toma parte de cada espaço do seu corpo, dando lugar a violência simbólica ou real. Entretanto, aqui não estou tentando criar um perfil de uma vítima, completamente dominada, vilipendiada, ingênua, ou até mesmo culpada. Contudo, é necessário frisar que esta situação decorrida de laços afetivos, na maioria das vezes, só pode acontecer com a contribuição da submissa, pois é ela que confere ao agressor o status de poder (BOURDIER, 2002).

A dominação do corpo do homem sobre o da mulher a priori parte das diferenças biológicas entre os sexos que justifica as diferenças socialmente construídas. Essa configuração que impõe ao gênero masculino e feminino

elementos na sua conduta pessoal é entendida como normal e dá à impressão de ser natural, de ser uma postura inevitável. Todavia, como tudo que está fixo que parece imutável, verídico e inquestionável, deve ser observado com desconfiança e indagado enquanto tal. Da mesma forma esta relação de superioridade aparentemente “normal” deve ser questionada, criticada, diluída em todos os seus pormenores, deve ser investigada a formação dessa ética. Logo, é no campo da sexualidade onde, os discursos parecem mais neutros, que se encontra mais vontade de poder.

Notaria apenas que, em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política: como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente e neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacífica, fosse um dos lugares onde elas exercem de modo privilegiado, alguns dos seus mais terríveis poderes. Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e o poder (FOUCAULT, 2013, p. 9).

De acordo com a ideologia científica, o mundo é dividido em duas partes: o cognizador e o cognoscível, o primeiro refere-se à mente e o segundo a natureza. O gênero, por ser dividido em duas metades e é relacionado com essas duas metades do mundo, neste contexto a natureza é feminina e o conhecimento é masculino, ou seja, ocupam polos diferentes. Através dessa apropriação acerca da ideologia o gênero foi dividido durante muito tempo, sendo relacionadas com essas duas metades do mundo, neste contexto, para eles, a natureza é feminina e o conhecimento é masculino. Aponta (KELLER apud BRENNAN, 1997), que:

A natureza, objetificada e oprimida, é feminina, enquanto o conhecimento é caracterizado como masculino: A caracterização como masculina, tanto da mente científica, quanto de seus modos de acesso ao conhecimento, é na verdade significativa. Masculino, aqui, como o faz com freqüência, conota autonomia, separação e distância. Conota uma rejeição radical de qualquer mescla de sujeito e objeto, que são, parece agora, muito consistentemente identificados como masculino e feminino (BRENNAN, 1997 p. 254).

Por vivermos em uma sociedade ocidental e, em sua maioria, cristã a religião possui papel fundamental na construção de como vemos o gênero. A própria bíblia dissemina a valorização do homem sobre a mulher pelo fato de, no senso comum, os seus discursos terem sido apropriados por uma sociedade patriarcal machista. A bíblia defende que “Vós, mulheres, sujeita-vos a vosso marido como ao Senhor;

porque o marido é a cabeça da mulher, como também cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador desse corpo” (Efésios 5:22-23). Partindo do texto bíblico, foi feita uma interpretação de que o marido seria a cabeça e a mulher o corpo. Durante muito tempo tal leitura bíblica dos lugares ocupados pelos homens e mulheres possibilitou que o corpo da mulher fosse submetido às vontades dos homens, ele a direciona e anula a vontade dela. Ele seria entendido como único capaz de direcionar a sua família para o caminho da retidão, do bem viver, afirmativa esta questionável em muitas famílias. Para tanto, é necessário entender, segundo CHARTIER (2002), que devemos considerar:

Os esquemas geradores dos sistemas de classificação e de percepção como verdadeiras “instituições sociais”, incorporando sob a forma de representações coletivas as divisões de organização social [...] mas, também considerar, corolariamente, essas representações coletivas como as atrizes de práticas que constroem o próprio mundo social – “Mesmo as representações coletivas mais elevadas não têm existência, não são realmente tais senão na medida em que comandam atos” (CHARTIER, 2002, 72)

As questões acerca do gênero masculino colocam-os em uma posição privilegiada, pois o comportamento do homem está envolto de uma série de permissões, principalmente ao que se refere à conduta sexual, não acarretando para ele nenhum grande prejuízo em sua figura moral. Era a masculinidade como nobreza, declamada, cantada, e dançada. A Arte imitou a vida e hoje não são raros os títulos, que foram produzidos ao longo do tempo, de livros, peças, novelas, minisséries que representam uma sociedade onde o homem reina. Um bom exemplo está escrito por Jorge Amado, em *Gabriela Cravo e Canela*, onde os personagens vivem em lugar que “lam-se perdendo, no passar dos tempos, o eco dos últimos tiros trocados nas lutas pela conquista da terra, mas que daqueles anos heroicos ficara um gosto de sangue derramado no sangue dos ilheenses” (AMADO, 2012, p. 10) Os homens dessa cidade tinham “certos costumes: o de arrotar valentia, de carregar revólveres dia e noite, de beber e jogar” (AMADO, 2012, p. 9). Eles elencavam e aplicavam as suas leis. Certo dia ao descobrir o envolvimento de sua esposa com o dentista, metido a poeta, da cidade o fazendeiro Jesuíno Mendonça mata a tiros de revólver dona Sinhazinha Guedes Mendonça e o Dr. Osmundo Pimentel, seu amante “cumprira-se naquele dia: honra de marido enganado só com

a morte dos culpados podia ser lavada” (AMADO, 2012, p. 10). Jesuíno Mendonça era o retrato do homem nordestino.

Foi no século XX que a caricatura do homem nordestino foi formada, junto com a invenção política do Nordeste. A identidade do homem nordestino se afirmava como a mais próxima da identidade brasileira, levando em consideração que o Sul havia sido fortemente influenciado pela cultura estrangeira. O homem nordestino representava a virilidade, a dominação, à força patriarcal, ele seria, portanto, homem com H maiúsculo (LIMA, 2011). O nordestino é, pois, aquele que nega às futilidades, as superficialidades, as artificialidades. Ele é rústico, áspero e conservado (ALBUQUERQUE, 2003). Conseqüentemente o homem nordestino com essas configurações carregava uma forte violência, visto que, “constatamos isso quando se falava em um homem capaz de derramar sangue em defesa de sua honra individual ou de sua nação” (LIMA, 2011, p. 4). Falar de nordestino é falar da identidade regional nordestina que é inventada como uma reação viril, tradicional, patriarcal, superior, valente e temida.

3. A CULTURA DO CRIME PASSIONAL REPRESENTADA EM GABRIELA, CRAVO E CANELA

Este capítulo tem como objetivo discutir a cultura do crime passional a partir da perspectiva da literatura produzida por Jorge Amado. Iremos discorrer inicialmente sobre a história do crime passional no Brasil, dando ênfase ao seu desenvolvimento judicial e das conquistas que este campo de atuação obteve durante o decorrer de sua jornada. Para tanto discutiremos sobre a honra e a (in) fidelidade feminina visto que quando nos referimos em crime passional falamos também em honra ferida de marido traído e, na maioria das vezes, em mulher adúltera. Focalizaremos questões de infidelidade, amor, traição e crime passional na obra literária *Gabriela, Cravo e Canela: crônicas de uma cidade do interior* do escritor Jorge Amado a fim de demonstrar que as questões culturais perpassam o cotidiano e aparecem descritas também na literatura. Com isso, podemos notar que o autor absorve elementos de sua vida, assim como as configurações da sociedade em que vive e as reflete em sua escrita.

3.1. Uma breve história da cultura do crime passional na sociedade brasileira

De repente do riso fez-se o pranto/Silencioso e branco como a bruma/E das bocas unidas fez-se a espuma/E das mãos espalmadas fez-se o espanto/De repente da calma fez-se o vento/ Que dos olhos desfez a última chama/E da paixão fez-se o pressentimento/E do momento imóvel fez-se o drama /De repente, não mais que de repente/Fez-se de triste o que se fez amante/E de sozinho o que se fez contente /Fez-se do amigo próximo o distante/Fez-se da vida uma aventura errante/De repente, não mais que de repente (Soneto da Separação – Vinicius de Moraes).

A separação dos amantes, por mais anunciada, quando ocorre se torna inesperada porque, pelo menos um dos amantes, não espera que a relação de amor um dia realmente venha ao fim. Sempre há a esperança de que a relação um dia melhore. A ideia de um rompimento em um relacionamento leva muitas pessoas à inquietação, e em casos mais graves a loucura. Já declamava Vinicius de Moraes

em o *Soneto da separação* as suas características: traz dor, desencanto, e desesperança. Ela mexe com o campo das sensibilidades e das afetividades. A separação transforma a curva do mais doce sorriso em expressões de tristeza e abala a autoconfiança de qualquer ser humano. A separação causa espanto, provoca furacões e terremotos em uma alma devastada pela dor e pela ausência do ser amado. Falar na história e na cultura do crime passional é falar também em uma eminente ou concluída separação.

Podia-se ouvir a extasiante voz de uma das nove musas da mitologia grega. De uma das “cantoras divinas” como eram conhecidas. Ela a musa devotada era filha de Zeus, o rei dos deuses, e Mnemósine, a deusa da memória. Seu nome: Clio. Possuidora de uma beleza inigualável, de expressões calmas e olhar livre de incredulidades Clio é a musa da História e da Criatividade. Com os seus longos cabelos, declama e encanta os mais belos e trágicos acontecimentos de outrora. Ela com a sua voz doce traz diversos sentimentos à tona, de quem a escuta narrar às variadas histórias do mundo.

Com o passar do tempo Clio não perdeu seu encanto e ainda, no mundo da ciência, participa descrevendo enredos das mais variadas vertentes. Comprova com registro e fatos a veracidade de sua escrita. Ela quase violentamente nos força a não esquecer a maioria das situações já vivida abaixo e acima dos céus. Uma das formas dela representar o vivido é por meio da História Cultural. E, Segundo Pasavento (2012), o campo de atuação da História Cultural foi se ampliando, propiciando a construção de vários estudos e pesquisas em temáticas variadas, onde a história dialoga interdisciplinarmente com outros saberes.

Desde o surgimento do mundo existe o crime passional, ele estava presente ceifando a vida das pessoas em relacionamentos fadados ao fracasso (PEGÔ, 2007). Após a formação da sociedade, o crime passional ainda provoca repulsa na maioria dos seres humanos e os levam a questionar o motivo que leva alguém a matar em nome do amor. Os sentimentos como perda, traição, ciúmes, rancor, ódio, são os impulsionadores de tal ato criminoso, e, por isso, os crimes passionais continuaram a existir, pois, essas sensações fazem parte dos seres humanos e, sendo assim, os sujeitos não deixaram de ter esses estímulos afetivos diante das situações impostas nas suas vidas.

O termo “passional” significa “paixão”. A paixão é um sentimento profundo e intenso que quando não balanceado pode levar as pessoas a cometerem atitudes

irreparáveis, entre elas, o homicídio. É um sentimento que em alto grau pode ultrapassar a lucidez e virar uma loucura, um afeto dominador e cego, um verdadeiro fanatismo. De acordo com o Vocabulário Jurídico, a palavra crime é derivada do latim *crimen* (acusação, queixa, agravo, injúria) que tem como significado “toda a ação cometida com dolo, ou infração contrária aos costumes, à moral e à lei, que é legalmente punida, ou que é reprovada pela consciência” (SILVA, 1990, p. 586). Portanto, o crime passional é um delito cometido por causa de uma paixão doentia e dominadora. Assim, segundo Luiza Nagib Eluf (2007),

Paixão não é sinônimo de amor. Pode decorrer do amor e, então, será doce e terna, apesar de intensa e perturbadora; mas a paixão também resulta do sofrimento, de uma grande mágoa, da cólera. Por essa razão, o prolongado martírio de Cristo ou dos santos torturados é chamado de “paixão”. (ELUF, 2007, p. 113).

As cidades formadas durante o período colonial passaram por um acelerado crescimento populacional sem nenhum planejamento urbano tornando-se um manancial de problemas e de propagação de doenças e crimes (CONCEIÇÃO, 2009). Ao observarmos a história do crime passional no Brasil podemos perceber que durante o período colonial a lei portuguesa dava total liberdade ao homem para que ele punisse com a morte a sua esposa e o amásio dela se ambos fossem pegos em ato de adultério, todavia, caso a mulher surpreendesse o homem, em similar situação, a mesma não era provida do mesmo direito.

Em 1830, foi decretado o primeiro Código Penal do Brasil. O Código Criminal do Império destituiu na lei o “direito” que o homem tinha de matar a sua esposa caso ela cometesse infidelidade (PÊGO, 2007). A partir desse momento a esposa adúltera se não fosse morta deveria cumprir a pena de prisão correspondente ao período de um a três anos.

A esposa adúltera poderia cumprir pena de prisão de um a três anos, com trabalhos forçados; enquanto somente o marido que possuísse concubina “teúda e manteúda” – isto é, que mantivesse publicamente relações estáveis – seria punido com a mesma sentença. Aqueles que provassem ter cometido o homicídio “sem conhecimento do mal” nem “a intenção de o praticar”, ou que fossem considerados “loucos de todo o gênero”, poderiam ser absolvidos. (PÊGO, 2007, p.18).

No final do século XIX, com o Código Penal Republicano promulgado em 11 de outubro de 1890, foi aberto espaços para absorver ou diminuir as penas dos

acusados que efetuavam o crime passional. Neste caso, os transgressores poderiam usar como defesa a justificativa de que, no momento do crime, eles estavam em um intenso delírio movido pela privação de sentidos. Em 1932 com a Consolidação das Leis Penais foram conservados os princípios que antes rogavam sobre crime passional que veio a permanecer até o Código Penal de 1940. Após 1940, o criminoso passional perdeu o privilegio do perdão, garantindo à vítima a justiça em relação ao crime cometido e dando também a família à paz ao saber que o malfeitor estava pagando pelos seus pecados.

Foi então no período de vigência deste código que se fez a fama do crime passional, a tal ponto que no código que o substituiria (em 1940), afirmava-se explicitamente, num de seus artigos que “a emoção ou a paixão não excluem a responsabilidade criminal”. Conforme reza o artigo 121 do código de 1940, “Se o agente comete o crime sob domínio de emoção violenta, logo em seguida a injusta provocação da vítima [...] o juiz pode reduzir a pena de um sexto a um terço”. A paixão deixava de ser uma evidência de irresponsabilidade e passava ser apenas motivo de diminuição da pena. (CONCEIÇÃO, 2009, p. 61).

Assim, o crime passional ganhou um novo caráter ao ser referido pelos juristas como um “homicídio privilegiado”, onde o algoz comete o delito movido por um forte valor social e/ou moral, ou afetado por uma intensa emoção que o faz agir por um impulso e, sendo assim, essa justificativa implica em uma atenuação da pena. O homicídio privilegiado quando aceito resultava em uma pena de um a seis anos de prisão. Contudo, a sociedade brasileira, até a década de 1960, motivada por uma base cultural amplamente patriarcal e machista, que se estendeu por um longo período de tempo, optou pela absolvição por legítima defesa de honra, pois na mentalidade social o criminoso passional não oferecia nenhum perigo para a sociedade, visto que ele havia matado apenas em um momento de fúria.

Com a atuação do movimento feminista, na década de 1970, os homicidas passaram a pagar mais severamente pelo seu crime. Um exemplo que mostra bem esse contexto é o caso da socialite Ângela Diniz. Ela foi assassinada por Raul Fernando do Amaral Street (Doca Street). No primeiro julgamento ele foi condenado a apenas dois anos de prisão, visto que, seus advogados alicerçaram a sua defesa baseada na legítima defesa de honra. Com sede de justiça as mulheres iniciaram o movimento denominado “Quem ama não mata” emergido do Nascente Movimento Feminista Nacional, que mais tarde também se tornou título de uma minissérie da

rede globo. Por intermédio desta inquietação, no segundo julgamento, Doca Street foi condenado a quinze anos de reclusão.

Em 1984, ocorreu a reforma no Código Penal, onde, o crime passional, passou a ser considerado torpe, isto é, extremamente repugnante perante a moral da sociedade. Este tipo de delito passou a ser relacionado com homicídios de crueldade, de violência e de agressão. Portanto, a pessoa que praticasse um crime passional seria julgada por homicídio qualificado por motivo torpe (art. 121, § 2º, I, do Código Penal).

Em 1994, a Lei dos Crimes Hediondos (Lei nº 8.072/90) foi alterada. A partir desse instante o crime passional passou a ser considerado como um homicídio qualificado, sem direito a anistia ou fiança, deveria ser também cumprido em regime integralmente fechado. Mudanças estas efetivadas devido ao intermédio e luta de Glória Perez, a autora de novela. A escritora iniciou a sua luta em defesa das vítimas do crime passional após a morte de sua filha a atriz Daniella Perez, de 22 anos, que foi assassinada com 18 golpes de tesoura pelo ator Guilherme de Pádua e por sua esposa Paula Thomaz. Este caso se misturava entre a ficção e a realidade, tendo em vista que Guilherme e Daniella faziam par romântico na novela *Corpo e Alma* (LEITE; MAGALHÃES, 2013).

Como resultado de tantos casos de violência contra as mulheres foram fundadas diversas instituições que defendiam os direitos das mulheres. Entre elas a primeira Delegacia da Defesa da Mulher no Brasil, em 1985, e a Casa Eliane Grammont, em 1990. A Casa Eliane Grammont é um centro voltado ao atendimento das mulheres que sofrem agressões físicas e sexuais. O centro recebeu este nome em homenagem a cantora Eliane Grammont, de 26 anos de idade, que vinte dias após a separação, via desquite, foi assassinada com cinco disparos de arma de fogo no peito, pelo seu ex-esposo Lindomar Castilho (ELUF, 2002).

Diversos são os motivos que compõem a cena do crime passional. A infidelidade ou a suspeita de tal ação são um desses componentes. A infidelidade nasce de uma atração sexual, tanto do homem, quanto da mulher, por um indivíduo que esta fora da relação. O adultério é uma prática repugnada nos discursos religiosos e morais da sociedade ocidental principalmente quando o adultério é praticado pela mulher, pois a infidelidade feminina carrega todo um capital simbólico, representando uma indiferença em relação ao lar, desonra e desonestidade.

A boa esposa é aquela que se reserva, é uma boa mãe, quando possui filhos, e é uma boa dona de casa, por isso a fidelidade é pensada além da sexualidade, englobando todas as camadas que atravessa a vida de uma mulher. “Desse modo, as qualidades possíveis para uma postura feminina ‘idealizada’ dentro da sociedade, [...] buscava elementos remotos e comparações de perfeição e pureza ‘naturais’ à personalidade feminina” (MATTOS, 2007, p. 95).

O homem quando adulterado tenta recuperar o seu reconhecimento e a sua virilidade diante da sociedade. Ao analisarmos o homem e a mulher, sua relação com ele mesmo e com os outros, podemos perceber que a sociedade de maneira em geral é extremamente influenciadora neste quesito, pois é dela e de suas normas que são delimitadas a maneira de agir de um grupo social. É da sociedade que parte a aprovação e a reprovação do comportamento de um indivíduo. Sendo assim, quando nos referimos a um relacionamento que é perpassado pela infidelidade, algumas pessoas, devido às diretrizes anunciadas por uma mentalidade popular tomam atitudes drásticas em relação ao adultério: o assassinato.

As questões culturais implicam, em alguns casos, em transfigurar um ser humano em um assassino, por construírem nele uma realidade de que a mulher é um objeto que pertence ao homem, por conseguinte, “é um crime basicamente masculino, sua fundamentação histórica apoiar-se na tradição de um patriarcalismo onde a honra sempre foi lavada com sangue” (CÔRREA, 1981, p.16) e, por isso, a infidelidade da esposa é um ato de extrema gravidade que causa uma ferida na honra de seu parceiro que só pode ser curada quando lavada com o sangue da vítima. Enquanto isso, as mulheres são educadas para aceitarem com passividade a infidelidade masculina.

O ciúme é outro sentimento impulsionador do crime passional. Este sentimento corresponde ao temor do parceiro em perder a pessoa amada para outra pessoa “melhor que ele”, estando intimamente ligado ao sentimento de egocentrismo, de propriedade e de desejo de posse da pessoa amada. O ciúme nasce de um profundo complexo de inferioridade, e se trata de um sintoma de imaturidade afetiva.

O possuidor de ciúmes passa seu tempo procurando o segredo de outrem que pode até mesmo não existir e, assim, vim a se transformar em um ciúme sexual possessivo (ELUF, 2002). Para as pessoas que possuem um ciúme extremamente descontrolado a sua vida se resume na relação com a pessoa amada e em

momentos de intenso desespero este sentimento pode desencadear uma série de atitudes irreparáveis como o cometimento do crime passionai (PÊGO, 2007).

A indiferença diz respeito ao crime passionai, porque esta qualificada como a falta de interesse da pessoa amada a aquele que a deseja. A indiferença desperta sentimentos de rejeição, de desprezo, de humilhação, gerando assim um amor contrariado. E como diria Gabriel García Márquez (2010) à força invencível que move o mundo não são os amores felizes, mas sim os amores contrariados.

Este amor não concretizado tem como consequência, por vezes, o desequilíbrio do rejeitado que acaba por converter o amor em ódio e despertar o sentimento de vingança. Quando o crime passionai tem o sentimento de indiferença como motivação em seu delito, geralmente o homicida age de forma premeditada. Na maioria das vezes, mata com requinte de crueldade. É interessante observar que, nesses casos, as vítimas são alheias, em absoluto, ao desatino do homicida passionai, pois não fizeram a esse agravo algum (PÊGO, 2007, p. 24).

A honra se enlaça no crime passionai por ser um sentimento de dignidade própria do ser humano. Quando a honra é maculada o indivíduo será capaz de cometer um crime passionai para lava-la, para silenciar as bocas daqueles que fazem chacotas dessa situação. A ideia de uma honra abalada pelo comportamento improprio da parceira esta perpassado na mentalidade das pessoas durante muitos séculos “influenciada pelas crenças religiosas, pela política e pelas realidades econômicas de cada época” (SANTOS; BARREIRA, 2008, p.37).

3.2. A mancha maculada do marido e a infidelidade feminina na década de 1920

Se te agarro com outro/Te mato!/ Te mando algumas flores/ E depois escapo/ Fico até aborrecido/ Quando telefonas/ Para os teus amigos/ Quando você não está perto/ Tudo em minha volta/ Fica tão deserto.../ Se te agarro com outro/Te mato!/ Te mando algumas flores/ E depois escapo (Sidney Magal).

A paixão faz muitas vezes do homem mais hábil um louco e torna muitas vezes hábeis os mais tolos (François La Rochefoucauld).

Até os meados do século XX o criminoso passional não era penalizado pelo seu delito principalmente quando era desencadeado pela infidelidade feminina no seio do matrimônio. O ato brutal que envolve o assassinato do conjugue, ultrapassa a vida real e ganha evidencia também nos livros, filmes, cordéis, entre outros meios semelhantes. Durante a década de 1920, a modernidade se anunciava para todo o Brasil, levando a uma crise acerca da identidade do homem e da mulher perante os novos elementos presentes na sociedade. A estimulação do consumismo, por exemplo, tinha fortes relações com a sexualidade, principalmente a compra de tecidos e a confecção de vestidos, de roupas atraentes, que refletem esta mudança cultural, onde as mulheres ficavam mais arrumadas e atrativas aos olhares masculinos (STEARNS, 2010).

A modernização da década em questão é marcada pela ambiguidade. Além de trazer a preocupação com a ideia de moderno, o período em si foi o esboço, também, uma série de tensões, como a revisão dos papéis que os homens e as mulheres “deveriam” assumir, entre o moderno e o tradicional, entre o ideal burguês e os valores da população assalariada. Porém, essa tensão vai muito além da ideia de dominação, de modernização imposta. Segundo Fabiana, há uma dialética dúbia entre o que era considerado moderno e o que era tradicional. Ela aponta, ainda, que muitas vezes o discurso tradicional era utilizado, também pelas próprias mulheres, para tornar evidente seu papel na sociedade, de dona de casa e mulher do lar (MACHADO, [ET.AL], 2008, p. 3).

O jogo de sedução imposto pela modernidade tornava as questões acerca do adultério bastante discutidas entre os críticos masculinos (BESSE, 1999). O médico José de Lemos Britto, defende que ninguém mais parece imune a esse vírus que assombram, inclusive, as classes superiores e médias. As mulheres por mais puras,

recatadas, sendo elas virgens ou casadas, estavam se aperfeiçoando na arte de enganar, mentir, e se aproveitar do marido. Com uma surpreendente astúcia muitas mulheres se utilizavam dos espaços do cinema e do teatro como palco de suas mais tórridas aventuras de infidelidade. Podemos notar que estas mulheres anunciam em suas práticas uma arte de fazer em seus cotidianos, isto posto, porque elas procuram em seu meio social reinventar seu cotidiano através de táticas operacionalizadas a fim de burlar as regras impostas pela sociedade.

Podemos notar que durante a década de 1920 as mulheres modernas viviam a influência francesa. A mulher moderna havia adquirido novos hábitos comportamentais. Elas, em sua maioria, frequentavam elegantes bailes, participavam da vida social da cidade e praticavam esportes (MACHADO, [et.al.], 2008). Entretanto, nas pequenas cidades ainda era ditada as regras de um sistema comportamental mais limitado, onde as mulheres gozavam de poucos direitos, onde as influências ligadas aos esportes e outras condições como as presenças em festas sociais ainda era criticada por muitos senhores, de maneira geral o lugar da mulher era em casa.

A mulher, portanto, tinha uma função vital na sociedade da qual fazia parte, ela era a edificadora de seu lar, eram responsáveis apenas em casar, procriar, cuidar dos maridos e dar uma educação impecável para os seus filhos. Em relação a sua sexualidade ela tinha apenas função orgânica de reprodução. A responsabilidade do controle do apetite sexual masculino era dever da mulher, ela deveria rejeitar o sexo antes do casamento e durante o matrimônio deveria moderar a quantidade de relações sexuais.

A mulher deveria, pois, durante o coito fechar os olhos e pensar em qualquer outra coisa, afinal ela não iria sentir prazer. Uma mulher sexualmente agressiva violavam a moralidade e a feminilidade (STEARNS, 2010). Ser mãe era o único *status* que conferia verdadeiro sentido a vida de uma mulher saudável. O sexo deveria ser praticado com o objetivo de ter filhos, fora esse contexto era entendido como caráter de danação, de perversão, sintoma de um organismo doente e de uma sexualidade pervertida (ENGEL, 1989). O casamento higiênico era posto como um prazer comedido, sem excessos e nem ausências, oposto à prostituição do corpo que é entendida nesse contexto como qualquer desvio sexual, por exemplo, a libertinagem, a pederastia, o onanismo, a sodomia, a ninfomania, entre outros.

A mulher que possuía seu desejo sexual aflorado não servia para ser esposa, pois se acreditava que ela poderia facilmente ser seduzida ou até mesmo ser a sedutora de outros homens, ou seja, ser uma adúltera. Ao ser infiel ela manchava não apenas a sua honra, mas maculava também a honra do seu marido (pois a honra dele era abrigada no corpo dela). A infidelidade era entendida também como um mal dos novos tempos, tempos de progresso, que eliminava a família e a própria estrutura moral da sociedade. Além do mais o adultério feminino era visto como uma perda da autoridade do homem no âmbito social e familiar.

O adultério, ligado à ascensão do Papel da mulher na sociedade, é concomitantemente relacionado a um certo medo da perda da autoridade masculina, face ao possível desmontar das antigas relações familiares em que o marido, o pai, o irmão condensavam a figura tida como controladora e moralizadora da honra social. Isso era visto então, como o perigo da efetivação do reinado das mulheres e a iminência de uma disseminação generalizada da “traição”. (CIPRIANO, 2012, p.9)

A ideia de amor romântico viria a influenciar, além da perda da autoridade masculina em algumas famílias, também uma desordem na moralidade familiar porque, em nome de um “verdadeiro amor” as mulheres desafiavam seus pais, irmãos e até mesmo marido. Em primeiro lugar, quando solteiras, algumas mulheres fugiam para se casar contra a vontade da família alegando estarem apaixonadas. Em segundo lugar, a garota movida por paixão desmedida, violenta e incontrolável, direcionada a um homem que não fosse seu marido, se entregava a um caso de amor, perdia a virgindade, muitas vezes, não medindo as consequências dos seus atos. Em terceiro lugar as mulheres casadas, em nome do amor romântico protagonizavam casos de infidelidades. O marido ao tomar conhecimento de tal acontecimento, tomado por fúria, era levado a cometer o crime passionai, alegando a legítima defesa de honra. Desse modo as paixões interferiam contra as regras da sociedade.

Ao se deparar com a infidelidade de sua esposa o marido é atravessado pela dor da traição que perpassa o seu coração e o desestrutura. Não foi transgredido pela sua esposa apenas um voto matrimonial, jurado no altar, diante de Deus, mas também foi corrompida uma ordem social, foi ferida a honra masculina que era obrigada a ser imaculada. Com a sua desonra, não é apenas o sentimento de

traição que paira sobre o pensamento do traído, mas também a ideia da reprovação dos seus amigos, de sua família, da sociedade em modo geral. Ao ser traído o homem recebe da sociedade uma dívida de amor que só poderá ser paga com moedas de sangue. Cobrança muitas vezes dolorosa, que;

Dói porque a traição é subjetivada como a destruição de um valor que garantia a honra masculina. A honra masculina, que deveria estar, do ponto de vista da economia masculinista, sob o zelo e os cuidados do feminino, foi manchada, pois a mulher que deveria ser sua guardiã, transgrediu este lugar. Quando o homem é traído, ele assim deve se sentir não só porque lhe roubaram a sua suposta propriedade e invadiram o seu domínio, mas também, porque a mulher quando o trai, sugere que há a fragmentação dos valores de sua honra, pelo os quais, asseguravam-lhe exercer um tipo de masculinidade que lhe garantia usufruir dos códigos de dominação (ARAÚJO, 2011, p.110).

Esta era a norma social que configurava a vida dos seres humanos, onde apenas os homens tinham o direito ao adultério, homem podia sim se desviar do ambiente familiar e manter relações extraconjugais. Afinal, sua esposa, tinha que sentir apenas prazer “calmo”, “medido”, não podia ser “vulgar”, ou pedir ao seu esposo para ter relações sexuais. Deveria somente esperar. O “homem de verdade”, tão somente para este contexto, podia ter a mulher de casar, para cuidar dos filhos e a mulher amante, para saciar seus prazeres carnis. Com 15 anos se ainda fosse virgem, sua masculinidade era questionada, o pai rapidamente intervinha e o direcionava ao prostíbulo, ensinando ao seu filho o que era, em sua mentalidade, ser homem com “H maiúsculo”. Apesar de tanto, as normas jurídicas também entendiam que o adultério masculino marcava uma desonra familiar (ARAÚJO, 2011), mas no imaginário coletivo da sociedade este comportamento não era mascarado, mas sim aceito e direcionado com tratamento diferenciado.

3.3. Jorge Amado, *Gabriela, cravo e canela* e o crime passionai

Certas leis também, a regularem suas vidas. Uma delas, das mais discutidas, novamente cumpria-se naquele dia: honra de marido enganado só com a morte dos culpados podia ser lavada. Vinha dos tempos antigos, não estava escrita em nenhum código, estava apenas na consciência dos homens, deixada pelos senhores de antanho, os primeiros a derrubar mata e plantar cacau (Jorge Amado).

3.3.1. Fazendeiro Jesuíno Mendonça e Dona Sinhazinha Guedes Mendonça: quando a honra é lavada com sangue

Parecia apenas mais um dia pacato na cidade de Ilhéus. Os homens conversavam e jogavam no Bar Vesúvio enquanto se deliciavam com os salgados das irmãs Dos Reis, o professor Josué suspirava de amor pela estudante Malvina, a solitária Glória, amante de Coroliano Ribeiro, debruçava seu corpo na janela de sua casa, janela que mais parecia à moldura de um quadro sensual que tirava até virgindade dos olhos dos meninos que passavam pela Praça de São Sebastião. Entretanto, a tranquilidade daquela tarde foi cortada de repente por uma tragédia. Começou um intenso movimento de pessoas e o pequeno garoto negro chamado de Tuísca informou que o Coronel Jesuíno havia acabado de matar Dona Sinhazinha e o Dr. Osmundo. Tudo estava banhado de sangue na casa do dentista que era localizada em frente à praia. Todos abandonaram o que estavam fazendo e saíram em passos largos para ver com os próprios olhos o que havia de fato ocorrido.

A notícia sobre o assassinato da Beata Sinhazinha Guedes Mendonça se espalhou rapidamente pela cidade e, em seguida, por toda região. Todos comentavam nos estabelecimentos da cidade, em todas as esquinas e em todas as casas, onde houvesse uma roda de pessoas, já se sabia que o assunto era como o Coronel Jesuíno havia lavado a sua honra com o sangue da sua esposa e do seu amante. Contudo, em meio a tantas vozes que opinavam sobre o ocorrido não havia uma pessoa que defendesse a atitude de Dona Sinhazinha Guedes, a condenavam e a culpavam por sua própria morte.

Em *Gabriela*, Sinhazinha não possuía nenhuma fala. Ela não podia justificar seus atos, pois ela jazia morta. Para justificar seus atos restava apenas a sociedade

Ilheense, pessoas que não tinham propriedade para defini-la. Durante muito tempo (e ainda hoje) muitas mulheres foram definidas, moldadas e emolduradas por outrem. Sinhazinha foi vítima assim como muitas mulheres também foram. Ela era vítima de um sistema que não permitia a sua voz, de uma sociedade que não dava a ela possibilidade de escolha do seu próprio destino. Ela não escolheu a sua infância, sua juventude, muito menos o seu marido. Ela não escolheu sua maneira de vestir, se gostaria de trabalhar ou não, ela apenas obedeceu, mas não para sempre. Ela quebrou o seu silêncio e deu seu grito de libertação. Porém, este foi o seu último grito, visto que, sua subversão, talvez a única de sua vida, levou a sua morte, levou a um crime passional. Sobre o coronel Jesuíno só defendiam sua conduta, afinal, para a sociedade ilheense ele havia agido corretamente, demonstrou justamente quem era, um homem de coragem decidido como já havia provado há muitos anos durante a luta pela conquista de terras de Ilhéus.

Esse Jesuíno Mendonça, de uns famigerados Mendonças, de Alagoas, chegara a Ilhéus ainda jovem, quando das lutas pela terra. Desbravara Selvas e plantara roças, disputando a tiro a posse do solo, suas propriedades cresceram e o seu nome fez-se respeitado. Casara com Sinhazinha Guedes, formosura local, de antiga família ilheense, órfã de pai e herdeira de um coqueiral para as bandas de Olivença. Quase vinte anos mais moças que o marido, bonitona, freguesa assídua das lojas de fazendas e sapatos, principal organizadora das festas de São Sebastião, aparentada de longe com o Doutor, passando longos períodos na fazenda, Sinhazinha jamais dera o que falar, em todos aqueles anos de casada, aos muitos maledicentes da cidade (AMADO, 2012, p.87).

A figura de Jesuíno fortaleceu ainda mais o seu caráter respeitável e admirável graças a sua coragem de fazer o que era “certo” naquela situação: lavar a honra com sangue, como era o costume daquela região. O amante de Dona Sinhazinha era o Dr. Osmundo um cirurgião dentista que havia nascido e se formado na capital da Bahia. Ele veio até Ilhéus seduzido pelo prestígio de terra rica que a cidade possuía. Havia montado o seu escritório com a ajuda do seu pai que era um próspero comerciante. Sinhazinha era sua cliente, mas o marido ao invés de achá-la no consultório a encontrou na cama do Doutor vestida apenas com “depravadas meias pretas” (AMADO, 2012, p.111) e o seu Amásio sem roupa alguma. Assim,

De súbito, naquele dia de sol esplêndido, na calma da sesta, o coronel Jesuíno Mendonça descarregara seu revólver na esposa e no amante, emocionando a cidade, trazendo-a mais uma vez para o remoto clima de sangue derramado, fazendo com que o próprio Nacib esquecesse seu

problema tão grave, de cozinheira. Também o Capitão e o Doutor esqueceram suas preocupações políticas, e o próprio coronel Ramiro Basta, informado do infortúnio, deixou em pensar em Mundinho Falcão. A notícia correrá rápida como relâmpago e crescerá respeito e admiração que cercavam a figura magra e um tanto sombria do fazendeiro. Porque assim era Ilhéus: honra de marido enganado só com sangue podia ser lavada (AMADO, 2012, p. 87).

Após o duplo homicídio o coronel Jesuíno, autor do crime, caminhou calmamente pela cidade, como se nada tivesse acontecido, foi até a casa de um amigo e mandou avisar ao Juiz que na manhã seguinte se apresentaria as autoridades para que pudesse esperar o seu julgamento em liberdade. De todo modo, todos sabiam que as acusações acerca de crimes como aquele não passavam de mera formalidade. Para a sociedade Ilheense não existia outra lei para a mulher adúltera, para ela só restava uma morte violenta. Era uma lei antiga. Esta lei não estava nos códigos judiciais, não estava escrita em nenhum papel, entretanto, quando o crime passional era julgado e verificava-se que ele ocorria devido à infidelidade da esposa todos sabiam que o marido seria absorvido. Jamais havia sido condenado naquela região, por assassinato, o marido que tinha lavado sua honra com sangue. Era a única solução, alguns diziam “coitado do Jesuíno” não havia outro jeito, ele não queria matar sua esposa, mas ela o traiu, como resultado ou ele a matava ou ficava desmoralizado na cidade de Ilhéus. Vejamos,

Nenhuma aposta se aceitava, porém, quando o júri se reunia para decidir sobre o crime de morte em razão de adultério: sabiam todos ser a absolvição unânime do marido ultrajado o resultado fatal e justo. Iam para ouvir os discursos, a acusação e a defesa, e na expectativa de detalhes escabrosos e picaresco, escapando dos autos ou da falação dos advogados. Condenação do assassino, isso jamais!, era contra a lei da terra mandando lavar com sangue a honra machada do marido (AMADO, 2012, p. 88).

Todos da cidade tinham a quem culpar pelo caso de assassinato, ninguém culpava o Coronel, pois para todos, como dizia o coronel Melk, “Jesuíno agiu direito. Homem de honra” (AMADO, 2012, p. 107). Alguns julgavam a própria sinhazinha considerada com “maturidade em fogo” que deixou se levar pela lábia do dentista, pois ele era solteiro, que culpa tinha dá mulher acha-lo parecido com São Sebastiao se ao menos nem católico ele era? Questionavam-se alguns cidadãos. O dentista era visto como uma vítima, “mais digno de dó do que de reprovação” (AMADO, 2012, p. 94). Outros culpavam a “degeneração dos costumes” (AMADO, 2012, p. 92)

o vasto número de bailes e festas dançantes. O cinema sim era um dos fatores que contribuía para maledicência das mulheres. O Capitão não concordava com o ultimo apontamento, pensava, culpar as festas e bailes já era demais,

Por que não culpava certos maridos que nem ligavam para as esposas, tratavam-nas como criadas, enquanto davam de tudo, joias e perfumes, vestidos caros e luxo, às mulatas para quem botavam casa? Bastava olhar ali mesmo na praça: aquele luxo de Glória vestindo-se melhor que qualquer senhora – será que o coronel Coroliano gastava tanto com a esposa? (AMADO, 2012, p.93).

As indagações do Capitão citadas à cima eram só pensadas por ele, não eram ditas em voz alta. Dá mesma forma pensava Nacib, como poderia achar que Dona Sinhazinha ainda jovem e bonita mereceria morrer por enganar um homem como Jesuíno, velho e bruto, que não era capaz de demonstrar sentimento algum por sua esposa, nem um carinho, nem um elogio, mas Nacib não podia dizer também, era um atrevimento social. Pelo menos, uma coisa era certa, em alto e bom som, ninguém jamais teve coragem de defender Sinhazinha.

Para alguns o final trágico de Sinhazinha estava predestinado a ela até mesmo antes do seu nascimento, pois ela carregava o sangue de Ofenísia “Sangue dos Ávilas marcado pela Tragédia” (AMADO, 2012, p. 89). Sinhazinha revivia a tragédia de Ofenísia, jovem que havia conhecido na Bahia o imperador Dom. Pedro II e se apaixonado por ele. Eles trocavam olhares e declamavam o desejo de um pelo outro. Após a partida do imperador a flor dos Ávilas passou a definhar “a romântica Ofenísia morreu tísica e virgem, no solar dos Ávilas, saudosa das barbas reais” (AMADO, 2012, p. 31).

Na trama de *Gabriela Cravo e Canela: Crônicas de uma cidade do interior* têm um inesperado final. Poderia o Coronel Jesuíno ter escapado ileso das acusações em torno do crime que ele cometeu alegando a defesa de honra. Porém, ele foi julgado e acusado. Jorge Amado escolhe um final que se destaca por ser inesperado para a realidade social de Ilhéus. Afinal, todos sabiam dos costumes daquela região e em toda a obra ninguém havia cogitado que o coronel haveria de ser acusado no julgamento.

Alguns tempos depois, o coronel Jesuíno Mendonça foi levado a júri, acusado de haver morto a tiros a esposa, dona Sinhazinha Guedes Mendonça e o cirurgião-dentista Osmundo Pimentel, por questões de ciúmes. Vinte e oito horas duraram os debates agitados, por vezes

sarcásticos e violentos. Houve réplicas e tréplica, dr. Maurício Caires citou a Bíblia, recordou escandalosas meias pretas, moral e devassidão. Esteve patético. Dr. Ezequiel Prato, emocionante: já não era Ilhéus terra de bandido, paraíso de assassinos. Com um gesto e um soluço, apontou o pai de Osmundo em luto e em lágrimas. Seu tema foi a civilização e o progresso. Pela primeira vez, na história de Ilhéus, um coronel do cacau viu-se condenado à prisão por haver assassinado esposa adúltera e seu amante. (AMADO, 2012, p, 321).

Jesuíno não havia matado apenas a sua esposa adúltera, mas também o doutor, filho de família estimada e de recursos da cidade de Salvador, um herdeiro de um importante comerciante da Bahia que lutou com destemida força de vontade contra o coronel. No final, pela primeira vez na história da cidade de Ilhéus, um coronel foi condenado pelo assassinato de esposa adúltera e de seu amante. Mas, será que se apenas a sua esposa tivesse sido morta ele haveria de ser condenado? Ou até mesmo será que se Osmundo fosse de família pobre será que a acusação seria tão efetiva e vitoriosa? Provavelmente não. Tendo em vista que nesse caso fica evidente que na realidade a única morte que esta sendo “vingada” é a do Osmundo e não a da Sinhazinha. No livro não há nenhuma referencia de ninguém de sua família no julgamento e muito menos nenhum advogado para defendê-la. A justiça para a morte da mulher infiel pegou carona na justiça pela morte do seu amante.

3.3.2. Nacib Saad e Gabriela Saad: como o árabe Nacib rompeu a lei antiga.

Os prenúncios de uma nova tragédia se anunciavam na cidade de Ilhéus com um casal que desde outrora era desacreditado pela sociedade Ilheense por causa da origem humilde de Gabriela. Em uma tarde calma, como qualquer outra tarde antes de uma tragédia, no Bar Vesúvio, Nacib se depara com uma cena desagradável, seu empregado estava a roubar o seu estabelecimento. Ao ser pegado no flagra começam a trocar insultos que a cada instante vão ficando mais inflamados. De repente o funcionário o chama de “chifrudo” e manda-o tomar conta de sua esposa. Todos sabem que é no momento da raiva que as verdades são ditas. É nesse instante que o turco descobre o adultério de sua esposa Gabriela com o seu amigo Tónico Bastos. No outro dia esperou uns quinze minutos após Tónico

sair do bar, pegou o revólver da gaveta, o depositou em sua cintura e se dirigiu até sua casa. Lá estavam eles em sua cama, no seu quarto, em sua casa, Gabriela a sorrir e Tônico com desejo nos olhos, ambos estavam nus.

Por que não os matara Nacib? Não era a lei, a antiga lei cruel e indiscutida? Escrupulosamente cumprida sempre que se apresentada ocasião e necessidade? Honra de marido enganado lava-se com o sangue dos culpados. Não fazia ainda um ano que o coronel Jesuíno Mendonça a pusera em execução... Por que não os matara? [...] Não trazia o revólver na cinta, não o tomara da gaveta do balcão? Não desejava poder olhar de cabeça erguida seus amigos de Ilhéus? Não o fizera, no entanto. (AMADO, 2012, p. 277).

Nacib não matou os protagonistas da dupla traição que sofreu. Não os matou. Não foi por falta de tempo dava pra ter os atingido se quisesse. Não foi por covardia, coragem ele tinha. Não foi por excesso de amor por Gabriela, mas não havia os matado, porque não era da natureza de Nacib matar. Bateu em Gabriela e em Tônico, mas matar ele não podia. Nunca havia matado nem um animal se quer. Nacib pensou em ir embora da cidade de Ilhéus, fugir da vergonha do adultério, da honra ferida. Como ele poderia afinal caminhar de cabeça erguida na cidade, olhar os seus amigos nos olhos, sem ter limpado a sua honra? Com a honra maculada sem ser limpa com sangue, só restava o refúgio, a vergonha. Por isso até então ele não havia casado: não queria ser enganado por mulher nenhuma e não queria ter que derramar sangue alheio ao disparar tiro no peito de esposa. Entretanto, conheceu Gabriela que morria de amor em seus braços que o encantou, tinha medo de perdê-la, teve que casar.

Nacib representa uma figura masculina que apesar de fugir a regra social que estava impregnada na mentalidade das pessoas, que era matar a esposa infiel e o amante quando pegos em adultério, comporta todas as características da masculinidade nordestina, dos sentimentos de vergonha implícitos no adultério da esposa. Ele sabia que se não a matasse, só restava a vergonha, exclusão social e escolheu esta opção.

Ele rompeu a lei. Em vez de mata-la, tinha-a deixado ir-se em paz. Em vez de atirar em Tônico, contentou-se com uma bofetada. Imaginou sua vida dali em diante como um inferno. Assim não havia feito com o Dr. Felismino? Não lhe havia negado o cumprimento? Não o apelidaram de “boi manso”? Não o obrigaram a ir-se de Ilhéus? Porque o médico não matara a mulher e o amante, a lei não cumprira (AMADO, 2012, p. 286).

Enquanto isso Gabriela representa a figura de uma mulher que está fora da ordem social, que não possuía “educação”, que não sabia se comportar. Gabriela era “uma flor que murchava nos jarros” segundo as palavras do personagem Fulgêncio. Gabriela era livre demais para ser feliz presa. Sentia-se como um passarinho trancado na gaiola. Gabriela não casará virgem, seu pai não a direcionou até o altar, nem pai ela tinha. Havia perdido sua virgindade com um tio, talvez até mesmo sido abusada sexualmente, o autor não deixa claro. Em seguida, passou nas mãos de vários homens por vontade própria. Pobre. Nada possuía a não ser esperança e alegria. De fato a sua simplicidade cativava.

De algumas coisas ela gostava, gostava demais: do sol da manhã antes de muito esquentar. Da água fria, da praia branca, da areia e do mar. De circo, de parque de diversões. De cinema também. De goiaba e pitanga. Das flores, dos bichos, de cozinhar, de comer, de andar pela rua, de rir e conversar. Com senhoras cheias de si, gostava não. Mais do que tudo gostava de moço bonito, nos seus braços dormir, gemer, suspirar. Dessas coisas gostava. E de seu Nacib. Dele gostava de um gostar diferente. Na cama pra gemer, beijar, morder, suspirar, morrer e renascer. Mas também para dormir de verdade, sonhando com o sol, com o gato bravio, com a areia da praia, a lua do céu a comida a fazer (AMADO, 2012, p, 284).

Diante dessa tragédia anunciada o personagem João Fulgêncio, em um momento de astúcia, encontrou uma saída para o ser amigo Nacib Saad, uma solução para livra-lo da desonra, livra-lo da mancha de marido desonrado. João lembrou-se de um detalhe acerca do casamento entre Gabriela e Nacib: ela não possuía nenhum documento. Ela era uma moça pobre sem família. Para casa-la com Nacib foi necessário que Tônico (o futuro amante de Gabriela) falsifica-se uma certidão de nascimento no cartório onde trabalhava na cidade de Ilhéus. Logo, se o documento que Gabriela utilizou para seu casamento era falso, o casamento também era inválido, portanto ela não era sua esposa. Foi dessa maneira que Nacib se livrou da honra de marido manchada pela infidelidade. Ao provar perante a justiça que os documentos de Gabriela eram falsificados seu casamento foi anulado. Perante a sociedade de maneira em geral Nacib, na realidade, nunca havia sido casado com Gabriela, mas sim somente amigado. De todo modo, apesar de estar com a honra de marido reconstituída ainda se encontrava ferido na honra de macho.

Foi assim que Nacib rompeu a lei antiga, não matou nem a “esposa”, nem o amante. Não aconteceu nada que ele temia: ninguém havia deixado de falar com ele e muito menos zombaram se sua pessoa. Quando tocavam no assunto era apenas

para pontuar a astúcia de Nacib, referiam-se apenas a sua esperteza, a maneira pelo qual ele havia saído dessa situação. “Este turco é um mestre do bem viver” (AMADO, 2012, p.313) dizia Mundinho Falcão. Ao invés de rirem de Nacib, zombaram de Tônico. De Gabriela ninguém dizia nada, nem de bem, nem de mal. Era vista como uma rapariga de casa montada (após a anulação de seu casamento) e tendo em vista que já não era casada (ou melhor, nunca havia de fato sido casada) ela tinha o direito de se divertir com outros homens.

No fim da tessitura que narra o bem e o mal viver de uma cidade do interior Gabriela e Nacib reconhecem a sua história de amor, não como marido e mulher, mas como amantes. Eles respeitam a liberdade um do outro. Gabriela era o pássaro livre que sempre quis ser, livre de gaiolas, livre de convenções sociais, livre de amarras morais, simplesmente livre. Agora ela podia cantar, sorrir, dançar, andar descalça, ser ela mesma, ser como se sentia bem. Gabriela não se encaixava na sociedade, mas Nacib gostava de Gabriela (gostava de sua “Bié”) e Gabriela de Nacib (seu moço bonito). Gostavam um do outro na cama “para gemer, beijar, morder, suspirar, morrer e renascer” (AMADO, 2012, p. 284).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tessitura deste trabalho podemos perceber que é possível exercer um diálogo entre a história e a literatura. A produção literária carrega em si elementos que se fazem presentes na cultura da sociedade e cabe ao historiador identificar, selecionar e apresentar, em meio às teias narrativas, sua carga de historicidade. A literatura inventada acaba por trazer elementos do cotidiano, das relações pessoais e da cultura. Através de uma análise historiográfica podemos compreender as nuances que perpassam a obra, as particularidades do lugar social do autor e os pontos que cria um diálogo entre a ficção e a realidade.

Uma gama de obras literárias, assim como filmes, novelas, músicas, entre outros, retratam o crime passional, abordam aspectos das condições morais, da convivência entre os homens e as mulheres, o matrimônio, as agressões, as paixões, a loucura e a morte. O crime passional representa nesse contexto uma prática de posse, onde o marido é visto como senhor e dono da esposa. E ela enxergada como uma “escrava” que deve seguir todas as ordens do seu “senhor”. Ao praticar a infidelidade à esposa passa a manchar a honra do seu esposo, traz vergonha e ressentimento, fazendo com que ele se veja com direito de agir de forma cruel ao tirar a vida de sua parceira conjugal. Na década de 1920, o crime passional ainda era visto como uma lei que existia há muitos anos, não nos códigos jurídicos, mas na mentalidade social. A população se escandalizava mais com o adultério do que com o crime passional.

A discussão sobre o crime passional se faz necessária para entender as configurações sociais e culturais acerca das relações entre os homens e as mulheres. Olhar pra o passado é necessário para entender sobre as ideias e os conceitos das nossas matrizes culturais, principalmente, nos auxilia na compreensão as raízes dos problemas atuais ao que se refere à violência contra a mulher no âmbito privado dos relacionamentos afetivos.

O livro *Gabriela, Cravo e Canela; crônicas de uma cidade do interior*, do escritor brasileiro Jorge Amado, emerge nesse contexto como uma fonte capaz de abordar, através da ficção, características culturais que representam uma sociedade patriarcal: o crime passional na década de 1920. Jorge Amado traz no enredo de

sua obra características essenciais para pensar sobre as questões de gênero, isto é, as configurações sociais e culturais definidas para os homens e para as mulheres.

Jorge Amado aborda um contraponto entre inovação e a tradição. Com a inovação não apenas as características econômicas da sociedade sofrem alterações, mas também as características culturais e as ideologias que movem as práticas sociais. O corpo feminino, por exemplo, era enxergado por diversos olhares questionadores, julgadores de sua conduta moral. A mulher, portanto, era definida pela opinião alheia que pautava o seu comportamento e classificava o seu valor. E o homem era assombrado frequentemente pelo fantasma da infidelidade, eram coagidos moralmente a lavar sua honra com sangue diante do adultério. Para os seres humanos existia – e ainda existe – uma postura de vida que o antecedia, ele era aprisionado dentro de modelos sociais que direcionavam as suas atitudes.

Analisar *Gabriela* é se distanciar do presente. É ir para o passado, em Ilhéus, onde ser produtor de cacau era o mesmo que possuir riqueza e prestígio social. A história retrata o ano de 1925, mas reflete os costumes construídos, ao longo do tempo, em uma sociedade patriarcal. Podemos afirmar que a obra está repleta de termos que configuram o feminino e o masculino durante toda a década de 1920, como valentia para os homens e castidade para as mulheres. Apesar de retratar um curto espaço de tempo este fragmento temporal é repleto de acontecimentos: a dragagem do porto, a falta de cozinheira no bar Vesúvio, a morte de Sinhazinha e Osmundo, a chegada de Gabriela, o casamento de Nacib, a infidelidade de tônico e de Biê, entre tantas mais.

O título do livro de Jorge Amado *Gabriela, Cravo e Canela* remete, no primeiro momento apenas a história de Gabriela, o seu percurso de vida, o seu amor, como passarinho trancado na gaiola, e da sua libertação, seu voo na imensidão do céu azul. Entretanto, o subtítulo, *Uma cidade do interior*, contrapõe o título e abrange a perspectiva do livro. De maneira geral o livro aborda a temática tradição e progresso, não apenas na política ou na economia, mas também em relação ao direito da mulher, a sua liberdade sexual, profissional e política. Jorge Amado exalta as falas de subversividades de suas personagens e também evidência os silêncios. Os silêncios e incomodavam nesta literatura amadiana principalmente através da personagem sinhazinha.

Dona sinhazinha Guedes Mendonça representa as mulheres limitadas que encontraram táticas para escolherem o que queriam fazer além as fronteiras sociais.

Ela apenas de meias pretas deitou e amou o seu amante o Dr: Osmundo Pimentel e seu comportamento resultou em consequências irremediáveis. Entretanto, devido a esse disparate ela anunciou para todos a sua libertação sexual. Ao menos uma vez na vida ela pode escolher satisfazer os seus desejos. Apenas de meias pretas: o que este pequeno detalhe significa? É uma revolução. A revolucionária sinhazinha, que provavelmente satisfazia apenas os desejos carnavais de seu marido no momento e da maneira que ela queria, agora podia seduzir. No casamento não poderia usar as armas da sedução, pois seduzir era uma das características referentes às mulheres desviantes da moral.

O que podemos concluir acerca do crime passionai é que eles são praticados quando o agressor está sobre intensa emoção. Esta (emoção) diz respeito ao plano simbólico e a estrutura social, pois é derivado de toda uma mentalidade sobre os papéis masculinos e femininos na sociedade, além de estarem ligados a um ideal de amor que, neste caso, é sinônimo de posse de supervalorização da fidelidade feminina, do ciúme, e da vingança. Os casos de crimes passionais ocorridos no Brasil (e até mesmo no mundo) são praticados em sua maioria por homens, mas isso não implica em afirmar que as mulheres não o cometem. O número de mulheres que praticam o crime passionai é bem menor que o de homens, o que acusa a raiz do crime passionai, porque os homens se apropriam mais desse crime por causa das construções sociais formadas ao longo do tempo que determina que ele deve lavar a sua honra com sangue. Por conseguinte, o crime passionai reflete a desigualdade entre os gêneros.

REFERÊNCIAS

Artigos e Capítulo de livros

ALMEIDA, Miguel Vale de. **O manifesto do corpo**. 2004. Disponível em: <<http://miguelvaledealmeida.net/wp-content/uploads/2008/06/o-manifesto-do-corpo.pdf>>. Acesso em: 26 de abril de 2015.

BORGES, Valdeci Rezende Borges. **História e Literatura: Algumas Considerações**. Universidade Federal de Goiás: Revista de Teoria da História, 2010.

BURKE, Peter. **Os Fundadores: Lucien Febvre e Marc Bloc**. In: A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos *Annales* 1929-1989. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

CAMILOTTI, Virginia; NAXARA, Márcia Regina C. **História e Literatura: Fontes Literárias na Produção Historiográfica Recente no Brasil**. História: Questões & Debates. Curitiba: Editora UFPR, 2009.

CASTELLO, José. **Jorge Amado e o Brasil**. Caderno de leitura. s/d. Disponível em: <<http://www.jorgeamado.com.br/professores2/02.pdf>> Acesso em: 03 de novembro de 2015.

CHARTIER, Roger. **DEBATE Literatura e História**. (Conferência proferida por Roger Chartier). Nº 1. Rio de Janeiro: Revista Topoi, 1999.

GOMES, Gisele Ambrósio. **História, Mulher e Gênero**. 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/virtu/files/2011/09/HIST%C3%93RIA-MULHER-E-G%C3%8ANERO.pdf>> Acesso em: 03 de novembro de 2015.

JANOTTI, Maria de Lourdes. Org. Carla Bassanezi Pinsk. O livro fontes históricas como fontes. In: **Fontes Históricas**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

LEITE, Corália Thalita Viana Almeida; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. **Mídia e memória: do caso Daniella Perez à previsão do homicídio qualificado na Lei de Crimes Hediondos**. Revista Eletrônica Direito e Política, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, v.8, n.3, 3º quadrimestre de 2013. Disponível em: <www.univali.br/direitoepolitica> Acesso em: 15 de novembro de 2015.

LIMA, Luana Carolina Braz de; PAIVA, Antônio Cristian Saraiva. **A construção do sujeito "macho" e suas implicações na violência de gênero no Ceará**. (III SEMINÁRIO INTERNACIONAL VIOLÊNCIA E CONFLITOS SOCIAIS: ILEGALISMOS E LUGARES MORAIS). Fortaleza, 2011.

MACHADO, Clarice; LACERDA, Larissa; AMARAL, Renata; LORES, Renata. O espaço e o papel femininos na década de 1920. Revista de história

contemporânea, n.2, 2008. Disponível em: <<http://www.revistacontemporaneos.com.br/n2/pdf/resenhafonfon.pdf>> Acesso em: 03 de novembro de 2015.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **História das mulheres e das relações de gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas**. Mandrágora, v.19. n. 19, 2013, p. 5-15. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15603/2176-0985/mandragora.v19n19p5-15>> Acesso em: 15 de novembro de 2015.

PISCITELLI, Adriana. José Eduardo Szwako e Heloisa Buarque de Almeida (orgs.). Gênero: a história de um conceito. In: **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berleandis & Vertecchia, 2009.

_____. **Re-criando a (categoria) mulher?** Campinas. 2011. Disponível em: <<http://www.culturaegenero.com.br/download/praticafeminina.pdf>> Acesso em: 16 de novembro de 2015.

RAGO, Margareth. **O Gênero entre a História e a Psicologia**. Em: Anais das Terças Transdisciplinares: experimentando as fronteiras entre a psicologia e outras práticas teóricas (2000- 20001). Rio de Janeiro: UERJ/DEPEXT/NAPE, Instituto de Psicologia, CRP/05, 2001.

SILVA, Diogo Cesar Nunes da. **História cultural, literatura e subjetividade: a realidade como construção dos sentidos**. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1080.pdf>> Acesso em: 10 de novembro de 2015.

SILVA, Maria Gomes da. **Trajetória da historiografia das mulheres no Brasil**. Politeia: Hist. e Soc., Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p. 223-231, 2008.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **JORGE AMADO e ILHÉUS em “via de mão dupla”: da história e ficção para o desenvolvimento**. s/d. Disponível em: <<http://www.uesc.br/icer/artigos/jorgeamadoilhheus.pdf>> Acesso em: 15 de novembro de 2015.

SOARES, Mayana Rocha. **Representações Sociais e Gênero: As “Santas” (E) “Putas” Rodrigueanas**. (Seminário INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução, Diversidade Sexual, Comunicação E Cultura na Universidade Do Estado da Bahia: Centro de Convenções da Bahia Salvador – BA). Disponível em: <<http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2012/04/Representacoes-sociais-e-genero-as-santas-e-putas.pdf>> Acesso em: 21 de março 2015.

Livros

AMADO, Jorge. **Navegação de cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei**. 1º Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Gabriela, Cravo e Canela: crônicas de uma cidade do Interior.** 2 Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **O Menino Grapiúna.** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1981.

BARROS, José d' Assunção. **História e literatura: novas relações para novos tempos.** Revista de Artes e Humanidades. N 6. 2010.

BESSE, Susan K. **Modernizando a desigualdade: reestruturação da Ideologia de gênero no Brasil (1914-1940).** São Paulo: Edusp, 1999.

BÍBLIA. Português. São Paulo: Paulus, 1985.

BLOCH, R. Howard. **Misoginia Medieval** e a Invenção do Amor Romântico Ocidental. Trad.: Claudia Moraes. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

BOURDIER, Pierre. **A Dominação Masculina.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRENNAN, Teresa. **Para Além do falo: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher.** Rio de Janeiro: Record, 1997.

CANDIOTTO, Cesar. **Foucault e a Crítica da Verdade.** 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

CASTANHO, Sérgio E. M. **História Cultural e Educação.** Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: arte de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietude.** Porto Alegre: UFRGS, 2002.

_____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

_____. **A História cultural entre práticas e representações.** Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CÔRREA, MARIZA. **Os Crimes da Paixão.** São Paulo, Editora Brasiliense, coleção Tudo é História, 1981.

CUCHE, Denis. A noção de cultura nas ciências sociais. Baurus Edusc, 1999.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil.** 2. Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

ELUF, Luiza Nagib. **A Paixão no Banco dos Réus: casos passionais célebres**. 3. Ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1989.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. 4. Ed. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. 2 Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. **Microfísica do poder**. 25. Ed. São Paulo: Graal, 2012.

_____. **Vigiar e Punir**. 40. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ALBUQUERQUE, D. M. JR. *A invenção do Nordeste e Outras Falas*. Recife: Editora Massagana, 2003.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do Feminino**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

LA ROCHEFOUCAULD, François. **Máximas e reflexões**. Tradução Antonio Geraldo da Silva. São Paulo: Editora Escala, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Memória de Minhas Putas Tristes**. Tradução Eric Nepomuceno. 22. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

MEYER, Dagmar. **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na Educação**. Petrópolis: Vozes, 2003 p. 9-27.

NIZZA DA SILVA, M. B. **Sistema de casamento no Brasil colonial**. São Paulo: T. A. Queiroz, Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

PASAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3. Ed. Horizonte: Autêntica, 2012.

RODRIGUES, Sérgio Murilo. **A Relação Entre o Corpo e o Poder em Michel Foucault**. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, 2003.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1990.

SEVCENKO, N. **Literatura Como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

STEARNS, Peter N. **História da sexualidade**. São Paulo: Ed. Contexto, 2010.

SILVA, Plácido. **Vocabulário Jurídico**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense, 1990.

WEEKS, Jeffrey. **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte; Autêntica, 1999.

Monografias, Dissertações e Teses

ARAÚJO, Eronides Câmara de. **“Fazer de algumas passagens, quadros, e quem sabe um dia, você possa assinar”**: homens traídos e práticas da masculinidade para suportar a dor. Campina Grande, 2011. 292 p. (Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Campina Grande). Disponível em: <<http://www.ufcg.edu.br/~ppgcs/wp-content/uploads/2012/10/tese-ERONIDES-C%3%82MARA-ARRUDA-PDF.pdf>> Acesso em: 20 de outubro de 2015.

CALIXTO, Carolina Fernandes. **Jorge Amado e a identidade nacional: diálogos político-culturais**. Niterói, 2011. 171 p. (Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História). Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1515.pdf>> Acesso em: 20 de outubro de 2015.

CIPRIANO, Maria do Socorro. **A adúltera no território da infidelidade: Paraíba nas décadas de 20 e 30 do século XX**. Campinas, SP: (s.n), 2012. (Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas). Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000248396&fd=>>> Acesso em: 20 de outubro de 2015.

CONCEIÇÃO, Antônio Carlos Lima da. **Lavar com sangue a honra ferida: os crimes passionais em Salvador (1890-1940)**. Salvador, 2009. 146 p. (Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas). Disponível em: <<http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/6437/1/disserta%C3%A7%C3%A3o%20ant%C3%B4nio.pdf>> Acesso em: 20 de outubro de 2015.

PÊGO, Natália César Costa de Matos. **Crimes Passionais: atuantes x agravantes**. Presidente Prudente, 2007. 81 p. (Monografia apresentada ao curso para obtenção do grau de bacharel em direito, sob orientação da professora Vera Lúcia Toledo Pereira de Gois Campos). Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/Juridica/article/viewFile/622/637>> Acesso em: 20 de outubro de 2015.

SANTOS, Antonia Claudia Lopes dos; BARREIRA, Cesár. **Crimes Passionais e Honra no Tribunal do Júri Brasileiro**. Fortaleza, 2008. (Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal do Ceará). Disponível em:

<http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/1269/1/2008_tese_ACLdosSantos.pdf>
Acesso em: 20 de outubro de 2015.

Sites

Biografia. Fundação Casa Jorge Amado. Disponível em:
<http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=75> Acesso em: 10 de outubro de 2015.

Jorge Amado deixa um acervo de 45 livros publicados. Folha de São Paulo *on line*.
Disponível em:<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u16252.html>>
Acesso em: 10 de outubro de 2015.

Jorge Amado. Projeto releituras Arnaldo Nogueira Jr. Disponível em:
<http://www.releituras.com/jorgeamado_bio.asp> Acesso em: 10 de outubro de 2015.